

APOSTILA DE ATUALIDADES

	SUMÁRIO	
CULTURA		03
A QUESTÃO CULTURAL NO BRASIL		
POLÍTICA		03
A HISTÓRIA DA ONU		
O TERRORISMO		
O BRASIL NAS URNAS		
ECONOMIA		06
GLOBALIZAÇÃO		
COMÉRCIO EXTERIOR		
ATUAL POLÍTICA ECONÔMICA BRASILEIRA		
MERCOSUL		
ALCA		
UNIÃO EUROPÉIA		
SOCIEDADE		10
GLOBALIZAÇÃO ÉTICA E SOLIDARIEDADE		
REFORMA AGRÁRIA NO BRASIL		
NOVO CÓDIGO CIVIL		
MUNDO		13
ACORDOS INTERNACIONAIS		
A COMPLEXIDADE POLÍTICA DO ORIENTE MÉDIO		
OS CONFLITOS NA COLÔMBIA		
A QUESTÃO POLÍTICA NO PERU		
QUESTÕES PARA ENTENDER O MUNDO		
EDUCAÇÃO		23
A EDUCAÇÃO NO BRASIL		
MEIO AMBIENTE		24
A QUESTÃO AMBIENTAL NO BRASIL		
A POPULAÇÃO E O ESPAÇO URBANO		
O PROTOCOLO DE KYOTÔ		
MEDICINA		26
AIDS		
DENGUE NO BRASIL		
CIÊNCIA		27
PROJETO DE GENOMA HUMANO		
CLONAGEM		
O PROGRAMA ESPACIAL BRASILEIRO		

APOSTILA EDITADA POR: FLÁVIO NASCIMENTO , GRADUADO EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS PELA FACULDADE TOLEDO DE ARAÇATUBA E GRADUANDO EM DIREITO PELA FACULDADE TOLEDO DE ARAÇATUBA.

BIBLIOGRAFIA:

ENCICLOPÉDIA DIGITAL KOUGAN HOUAISS

REVISTA SUPERINTERESSANTE

DIVERSOS SITES NA INTERNET

REVISTA VEJA

A QUESTÃO CULTURAL NO BRASIL

No Brasil, como em praticamente todos os países ocidentais, o uso da tecnologia na vida cotidiana reflete um determinado modo de vida, um ideal de felicidade inspirado na sociedade consumista surgida nos Estados Unidos nos anos 20.

Foi justamente a partir desse modo de vida típico do capitalismo que se desenvolveu a mensagem ideológica ocidental durante a Guerra Fria. O programa mostra de que forma o Brasil se colocava diante da forte influência cultural norte-americana, e como se deflagraram os movimentos artísticos brasileiros no período da Guerra Fria. Depoimentos de Néelson Schapochnik, professor de história da arte, e do cardeal-arcebispo D. Paulo Evaristo Arns.

Em 1944, em plena Segunda Guerra Mundial, era lançado o primeiro liquidificador no Brasil. Mas, um momento! O que um liquidificador tem a ver com o nosso assunto, a Guerra Fria? Tem tudo a ver. Liquidificador, televisão, máquina de lavar, torradeira, aspirador de pó... Enfim, o uso da tecnologia na vida cotidiana refletia, e ainda reflete, um determinado modo de vida, um ideal de felicidade inspirado na sociedade consumista surgida nos Estados Unidos nos anos 20. Foi justamente a partir desse modo de vida típico do capitalismo que se desenvolveu a mensagem ideológica ocidental durante a Guerra Fria. Uma mensagem que se propagou por todo o mundo capitalista.

Ideologia do consumo

Em todo o mundo fora da esfera socialista, comprar eletrodomésticos e automóveis tornou-se parte de um projeto de vida. O Brasil recebeu em cheio o impacto da ideologia consumista e da revolução tecnológica norte-americana. Nossa classe média, principalmente, adotou o sonho do carro na garagem e consumiu em larga escala a fantasia exportada por Hollywood.

Essa realidade teve origem nos primeiros vinte anos do nosso século. Se o Rio de Janeiro era a capital política e administrativa do país, São Paulo foi a metrópole que mais rapidamente sentiu o impacto dos novos tempos. Recebeu a primeira linha de montagem da Ford no país, em 1919. No início dos anos 20, alguns bairros da capital já contavam com um sistema de transporte coletivo.

Na gestão de Washington Luís como presidente do estado de São Paulo começaram a rodar os primeiros carros a gasolina. Os rapazes de famílias ricas passeavam com seus automóveis causando medo e apreensão entre os pedestres. Em 1922 foram instaladas em São Paulo novas linhas postais, telegráficas e telefônicas. Em janeiro de 1924, a cidade viu nascer a Rádio Educadora, criada para dotar o estado de uma emissora com fins culturais. Àquela altura o Brasil já contava com a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em abril de 1923. A capital paulista contava, então, com 14 salas de cinema e seis de teatro. Na época, era a segunda cidade mais habitada do Brasil, mas abrigava sozinha um terço da mão-de-obra industrial do País, empregando em suas fábricas cerca de 140 mil operários.

As novas tecnologias e a arte

A chegada das novas tecnologias industriais foi notada também pelos artistas brasileiros. Eles sentiram o início de uma nova era na história da humanidade, cheia de inovações tecnológicas. Ao mesmo tempo, levantaram uma questão central: onde estaria a identidade nacional nesse redemoinho de novas possibilidades, nas mudanças radicais que afetavam o mundo? Essas inquietações estimularam o surgimento da Semana de Arte Moderna de 1922. Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e todos os artistas envolvidos na Semana de 22 tinham, em geral, uma formação intelectual e técnica muito mais européia do que americana. Mas foram obrigados a dialogar com a realidade tecnológica exportada pelos Estados Unidos.

"A afirmação de que a Semana de Arte de 22 foi o evento mais significativo na história cultural brasileira acaba por acobertar alguns outros significados que podem ser associados ao Modernismo. Para além de ser um capítulo na história da nossa literatura, das artes plásticas, da música, o Modernismo foi significativo para a composição, para a fundação de uma nova identidade nacional. Os artistas, os participantes da Semana de 22 procuraram incorporar todos os procedimentos técnicos poéticos das vanguardas européias. Nesse sentido, buscaram atualizar as questões da literatura, da arte, da música e, ao mesmo tempo, resgatar elementos da tradição popular brasileira. Isso deu origem a uma cultura ambígua que expressava cosmopolitismo por um lado, fruto de uma modernização crescente, fruto da industrialização, fruto da presença de imigrantes na sociedade brasileira; por outro lado, expressava também o resgate das tradições populares especialmente das classes que durante muito tempo não figuravam naquilo que se poderia chamar de cultura brasileira. Trata-se então de um país que incorpora a cultura européia mas que tem uma cultura, traços culturais diferentes, variados, múltiplos e que produz algo novo. Talvez a expressão mais bem acabada disso tenha sido a Antropofagia."

Cultura e conscientização

A produção cultural que se observou a partir dos anos 60, no Brasil e no mundo, mostra que nenhum sistema político possui o monopólio do bem e do mal, como as fórmulas da Guerra Fria tentaram passar ao mundo. Por sua própria natureza, a arte e a cultura estão sempre buscando formas de denunciar os conceitos maniqueístas criados em nome das ideologias políticas.

Hoje podemos constatar mais claramente que nem o socialismo nem o capitalismo oferecem a chave da felicidade. A partir da queda do Muro de Berlim, o que se tem visto é a livre comunicação entre países que estiveram distantes uns dos outros por mais de 40 anos. Esse intercâmbio de culturas e conhecimento científico, facilitado pelos avanços da tecnologia, pode vir a consolidar, no futuro, um mundo mais democrático em todos os sentidos: no exercício da cidadania, na vida cultural e, sobretudo, no campo das idéias.

Fonte: alo escola, tvcultura

POLÍTICA

A HISTÓRIA DA ONU

A Organização das Nações Unidas (ONU) começou a existir oficialmente em 24 de outubro de 1945, ocasião em que foi assinada a "Carta das Nações Unidas" - cuja essência reside na luta pelos direitos humanos; no respeito ao autodeterminação dos povos e na solidariedade internacional.

Fundada por 51 países, entre eles o Brasil, a ONU,

hoje, conta com mais de 180 países membros. Apesar do prédio das Nações Unidas está em Nova York, a ONU é território internacional.

A missão da ONU é fomentar a paz entre as nações, cooperar com o desenvolvimento sustentável, monitorar o cumprimento dos Direitos Humanos e das liberdades fundamentais e organizar reuniões e conferências em prol desses objetivos. O sistema ONU é complexo. Conta com

Organismos especializados, Programas, Fundos etc. A Assembléia Geral é o órgão principal da ONU e tem caráter deliberativo, nela estão representados todos os países membros, cada um com direito a um voto. O dia das Nações Unidas se celebra no 24 de Outubro.

A ONU, é ainda hoje o principal organismo internacional e visa essencialmente:

Preservar a paz e a segurança mundial;
Estimular a cooperação internacional na área econômica, social, cultural e humanitária;
Promover a respeito às liberdades individuais e aos direitos humanos.

Os seis principais órgãos da ONU são:

- Conselho de Segurança
- Assembléia Geral
- Conselho de Tutela
- Secretariado
- Corte Internacional de Justiça
- Conselho Econômico e Social

DA ONU também fazem parte importantes órgãos especializados como a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), a FAO (Organização para Agricultura e Alimentação), o UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), a OMS (Organização Mundial da Saúde), entre outros.

É importante notar que o Conselho de Segurança da ONU nem sempre cumpriu seu objetivo. Em 1963, por exemplo, não conseguiu evitar que os Estados Unidos interviessem na Guerra do Vietnã.

E isso se explica pelo direito de veto que os membros permanentes possuem. Fazendo uso desse direito, os norte-americanos simplesmente vetaram as propostas contrárias à sua participação na guerra. Veja o texto a seguir:

O TERRORISMO

Formalmente, terrorismo é o uso da violência sistemática, com objetivos políticos, contra civis ou militares que não estão em operação de guerra.

O método básico do terrorismo é a destruição da vida humana, em nome de certos princípios ideológicos, políticos ou religiosos. O terrorismo não surgiu em nosso século, mas seu auge aconteceu durante os anos da Guerra Fria. E não foi por acaso. A Guerra Fria pode ser descrita como um sistema de equilíbrio entre dois blocos inimigos que se baseava no terror. O programa mostra como a chamada "cultura da Guerra Fria" estimulou a multiplicação de grupos terroristas. Depoimentos do jornalista José Arbex Jr.

Sempre que ouvimos falar em terrorismo, lembramos logo dos atentados a bomba, dos seqüestros de avião e de outras ações violentas praticadas por extremistas. E pensamos nas vítimas, em geral pessoas inocentes, muitas vezes mulheres e crianças, que apenas estavam no lugar errado na hora errada. O método básico do terrorismo é a destruição da vida humana, em nome de certos princípios ideológicos, políticos ou religiosos.

O terrorismo não surgiu em nosso século, mas seu auge aconteceu durante os anos da Guerra Fria, depois da Segunda Guerra Mundial. Não foi por acaso. A Guerra Fria pode ser descrita como um sistema de equilíbrio entre dois blocos inimigos que se baseava no terror. Afinal, o poder de destruição nuclear dos Estados Unidos e da União Soviética era tão grande que ninguém poderia iniciar uma guerra total. Seria o fim da espécie humana.

Essa mentalidade consagrou o terror como forma de relacionamento entre Estados. Nesse sentido, a chamada "cultura da Guerra Fria" foi o grande estímulo à multiplicação de grupos terroristas.

Violência política na América Latina

No Brasil, a reação civil ao golpe militar de 64 desencadeou uma luta armada que faria muitas vítimas até o

início de abertura política, em 1977. Muitos oposicionistas decidiram-se pela guerra de guerrilha, inspirados na revolução cubana. Um dos líderes mais célebres da luta armada nos anos 60 foi o ex-capitão do Exército Carlos Lamarca, da Vanguarda Popular Revolucionária, morto por soldados no interior da Bahia, em 1971.

Um ano especialmente conturbado foi o de 1968. Ações terroristas sacudiram o país. Grupos de extrema-direita atacaram artistas, lançaram bombas contra entidades civis e intimidaram personalidades de perfil humanista, como o arcebispo Dom Hélder Câmara, que teve sua casa metralhada em Recife, em outubro de 68.

Agentes dos órgãos de segurança e dos serviços de informação das Forças Armadas agiam à margem da lei com prisões arbitrárias, torturas e o assassinato de opositores do regime militar. Em contrapartida, os grupos clandestinos de esquerda financiavam suas atividades com dinheiro obtido em assaltos a banco e furtos de automóveis. E praticavam seqüestros de diplomatas para negociar sua libertação em troca de armas e da soltura de presos políticos.

Uma das ações mais espetaculares foi o seqüestro do embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Charles Elbrick, em setembro de 69. No início da década de 70, seriam seqüestrados também o cônsul do Japão em São Paulo, Nobuo Okuchi, e os embaixadores da Alemanha, Ehrenfried von Holleben, e da Suíça, Giovanni Bücher.

Processos semelhantes ao brasileiro aconteceram em toda a América Latina. No Chile, em 73, um golpe de Estado liderado pelo general Augusto Pinochet depôs o presidente eleito Salvador Allende, inaugurando uma sangrenta ditadura militar. Na Argentina, os militares implantaram a ditadura em 76, dando início a uma "guerra suja" contra os oposicionistas, com um saldo de 30 mil desaparecidos em sete anos.

Extremismo islâmico

Apesar da violência em comum, existem diferenças entre os grupos terroristas. O fundamentalismo islâmico, por exemplo, não tinha caráter terrorista na época em que surgiu. A Irmandade Muçulmana apareceu em 1929, no Egito, com preocupações sociais e propósitos religiosos. Mas a partir dos anos 30 foi perseguida pelo rei Fuad e por seu sucessor, o rei Faruk, favoráveis à dominação britânica. A Irmandade partiu para a radicalização e o terrorismo no início dos anos 50, com a ascensão do líder nacionalista Gamal Abdel Nasser, acusado de defender interesses ocidentais.

A ação mais espetacular da Irmandade Muçulmana foi o assassinato do presidente egípcio Anuar Sadat, em 1981. Sadat foi considerado traidor por ter assinado os acordos de Camp David, em 78, que reconheciam o direito de existência do Estado de Israel.

OLP x Israel

A crise no Oriente Médio também fez surgir, em 1964, a Organização Para a Libertação da Palestina, uma frente reunindo diversos grupos. A OLP, que tinha como base a Al Fatah, facção liderada por Yasser Arafat, foi criada em decorrência de um quadro político cada vez mais conturbado. Os ânimos na região estavam acirrados desde a criação de Israel, em 1948.

Com o apoio político, econômico e militar de soviéticos e americanos, Israel promoveu guerras com alguns vizinhos árabes para expandir seu território. Centenas de milhares de palestinos foram expulsos de suas terras. Organizações terroristas judaicas, como a Irgun, a Stern e a Haganah tiveram um papel importante na intimidação da população palestina, chegando a massacrar aldeias inteiras.

O problema palestino era um distúrbio indesejável na Guerra Fria. O Oriente Médio, como quase todo o planeta, estava dividido em esferas de influência das superpotências. Israel e alguns países árabes passaram para a esfera dos Estados Unidos, enquanto outros países árabes ficaram sob

influência soviética. A questão palestina não se encaixava bem nesse jogo de equilíbrio.

O isolamento dos palestinos no Ocidente e a hostilidade dos países árabes acabaram fortalecendo a OLP e a opção de grupos radicais pelo terrorismo. Mas nem todos os atos terroristas reivindicados pelos palestinos eram de autoria da OLP.

O BRASIL NAS URNAS

O primeiro turno das eleições para os governos estaduais e a Presidência da República e as eleições legislativas indicam o avanço político das chamadas esquerdas, que fazem oposição ao governo federal, e mostram a rejeição do eleitor a caciques políticos tradicionais, que não se elegeram.

Dos 12 Estados em que a eleição estadual foi definida no primeiro turno, partidos de orientação de esquerda (PT, PPS e PSB) venceram em 7. Além disso, no segundo turno nos Estados, as oposições estão presentes em 11 disputas, em 8 delas com candidatos do PT.

Luiz Inácio Lula da Silva não venceu no primeiro turno, como apostou o PT, mas foi o mais votado em 24 das 27 unidades da Federação. Perdeu apenas no Rio de Janeiro para Anthony Garotinho (P SB), em Alagoas para José Serra (PSDB) e no Ceará para Ciro Gomes (P PS).

O Congresso assistirá à chegada da maior bancada de esquerda desde a redemocratização do país. O PT elegeu 91 deputados federais, contra os atuais 58. No Senado, a bancada petista foi a que registrou maior crescimento: passou de oito para 14 cadeiras, enquanto o PSDB ficará com 11.

O PT, porém, sofreu reverses em três Estados que governa: no Rio, Benedita da Silva foi derrotada no primeiro turno por Rosinha (P SB). No Rio Grande do Sul, Tarso Genro ficou em segundo lugar, atrás de Germano Rigotto (PMDB). Em Mato Grosso do Sul, Zeca do PT, favorito ao primeiro turno segundo as pesquisas, irá disputar o segundo turno com Marisa Serrano (PSDB).

Segundo Turno: PT é derrotado em regiões mais ricas; PMDB surpreende e fica com o Sul; PSDB terá maiores colégios eleitorais

Após o final do segundo turno das eleições, o maior partido de esquerda do país conquista a Presidência da República, mas fica de fora dos Estados mais ricos e populosos, como Minas Gerais e São Paulo, onde o PSDB comandará.

Com Germano Rigotto (RS), Luiz Henrique (SC) e Roberto Requião (PR), o PMDB, que saiu atrás nas pesquisas, se recupera no Sul. Rigotto impôs a derrota mais amarga ao PT, que desde 1989 governa a capital gaúcha e em 1998 ganhou o governo estadual com Olívio Dutra, que acabou citado em um escândalo com o jogo do bicho. Com 7,4 milhões de eleitores (o quinto maior eleitorado do Brasil), o Estado sempre foi vitrine petista.

Dos partidos pequenos, o maior vitorioso nas urnas é o PSB, que conseguiu eleger quatro representantes (Rio de Janeiro, Espírito Santo, Rio Grande do Norte e Alagoas), três deles já no primeiro turno. O poder de PP B e PFL, no entanto, ainda continua concentrado nas regiões Norte e Nordeste.

Petista é primeiro governante de esquerda eleito do país.

O candidato do Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Silva, foi eleito presidente da República do Brasil. O primeiro governante eleito de esquerda da história do país ganhou a Presidência no dia de seu 57º aniversário. Lula é o primeiro civil sem formação universitária a ser eleito presidente, na 19ª eleição direta para o cargo, entre 27 já realizadas desde 1891. Ele será o 39º brasileiro a ocupar o posto, computando-se nessa soma os substitutos e integrantes das juntas militares que governaram o Brasil.

Sem experiência administrativa, Lula herdará do presidente Fernando Henrique Cardoso um país com a economia em crise. Depois de ter feito alianças à direita e concessões inéditas na trajetória do PT para chegar ao poder, Lula terá de administrar demandas sociais reprimidas e responder à expectativa de grupos historicamente ligados ao PT, como o MST e os servidores públicos.

Na apuração dos votos do segundo turno, com 99,47% dos votos apurados. Lula tinha 61,32% dos válidos. A pesquisa de boca-de-urna do Datafolha feita na véspera do segundo turno apontou a vitória do petista sobre o candidato José Serra, do PSDB, por 63% a 37%. O resultado ficou dentro da margem de erro, de dois pontos percentuais para mais ou menos.

Lula venceu em todos os Estados, com exceção de Alagoas - no qual Serra lá tinha sido o mais votado no primeiro turno. Conseguiu sua vantagem mais expressiva em relação ao tucano no Rio: 78,99% dos votos

Nas capitais, o candidato petista obteve seus melhores resultados em Salvador (89,39%) e Rio de Janeiro (80,97%). Serra teve bom desempenho em São Paulo, próximo ao do petista.

Foi a maior eleição da história do país, em números absolutos. Havia 115.254.113 eleitores inscritos (65,8% da população). A abstenção ficou em torno de 20%.

Foi a primeira eleição definida no segundo turno desde 1989, quando Lula perdeu para Fernando Collor de Mello (PRN), por 53,0% a 47,0% dos votos válidos. Nas eleições seguintes, em 1994 e em 1998, Fernando Henrique Cardoso (PSDB) venceu no primeiro turno, com 54,27% e 53,06% dos votos válidos, respectivamente.

Apesar de ter ficado em segundo lugar em três disputas consecutivas, a votação de Lula cresceu a cada pleito: em 1989, 11.167.665 votos (17,2% dos válidos) ; em 1994, 17.122.127 (27,0%) ; em 1998, 21.475.218 (31,7%) ; e, finalmente, 39.444.010 (46,4%) no primeiro turno da eleição deste ano -contra 19.700.549 (23,2%) de Serra.

Nascido em 1945 em Caetés (PE), na época distrito de Garanhuns, Lula deixou Pernambuco com a família em 1952, fugindo da seca, rumo ao Estado de São Paulo. Fixou-se na capital em 1955. Começou a frequentar a escola, concluindo a 5ª série. Aos 12 anos, passou a trabalhar numa tinturaria. Foi engraxate e office-boy antes de se tornar operário de uma fábrica de parafusos, em 1960.

No ano seguinte, iniciou um curso técnico de torneiro mecânico no Senai. Depois, passou a trabalhar em indústrias metalúrgicas. Em 1964 perdeu o dedo mínimo da mão esquerda numa prensa. Logo depois passou a morar no ABC. Em 1969, foi eleito suplente da diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema (hoje Sindicato dos Metalúrgicos do ABC). Chegou à presidência do sindicato em 1975, projetando-se nacionalmente em 1978, com as greves no ABC.

Fundou o PT em 1980, ano em que foi preso e afastado do sindicato pelo regime militar. Disputou o governo de São Paulo em 82, ficando em quarto lugar. Elegeu-se deputado federal mais votado de 86, com 651.763 votos, em sua única vitória eleitoral até ontem.

Lula assume a Presidência e prega "mudança sem atropelo"

Marcada pela informalidade, por quebras de protocolo e por pequenos incidentes, a posse de Luiz Inácio Lula da Silva, 37, como 39º presidente da República transformou-se na maior manifestação popular da história das cerimônias do gênero em Brasília. Cerca de 150 mil pessoas tornaram as ruas de Brasília, de acordo com as autoridades de segurança. Na posse de Fernando Collor, em 1990, havia cerca de 20 mil pessoas; na de Fernando Henrique Cardoso, em 1995, cerca de 10 mil.

O tempo colaborou: choveu apenas nos períodos em que Lula estava nos palácios (do Congresso e do Planalto), mas não quando saía a bordo do Rolls-Royce sem

capota ou quando subiu a rampa. O presidente discursou duas vezes, para voltar, em ambas, a temas históricos do PT, como o combate à fome, que "começa amanhã" (isto é, no dia seguinte à sua posse), conforme anunciou no Parlatório do Planalto, já com a faixa presidencial.

No Congresso, Lula enfatizou que fora eleito para fazer a mudança, mas teve, sempre, o cuidado de evitar expectativas excessivas de alterações imediatas. "Teremos de manter sob controle as nossas muitas e legítimas ansiedades sociais, para quem elas possam ser atendidas no ritmo adequado e no momento justo", chegou a dizer.

A festa nas ruas teve eco no plenário da Câmara dos Deputados, em que Lula foi recebido aos gritos de "Olê, olê, olá, Lula, Lula". No discurso formal de 40 páginas, ao qual não introduziu improvisos, ele prometeu "um verdadeiro salto de qualidade" no país. Já o discurso para a militância, do alto do Parlatório, foi improvisado. Nele, Lula pediu: "Me ajudem a governar, porque a responsabilidade não é apenas minha".

FHC despediu-se dizendo que fez o que pôde e pediu que o brasileiro continue a confiar no país.

ECONOMIA

GLOBALIZAÇÃO

A questão da globalização deve ser tema de quase todos os vestibulares. Como você sabe, a globalização vem ocorrendo, principalmente, por causa do desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação. O fato de os meios de transporte estarem cada vez mais velozes também contribuiu para a integração entre países, regiões e continentes.

As principais conseqüências da globalização são a integração e a interdependência econômica cada vez maiores entre países, regiões e continentes. Hoje a economia mundial está nas mãos das grandes corporações de empresas transnacionais. Outro efeito da globalização é o aumento da concorrência entre empresas em nível nacional e internacional.

O QUE É GLOBALIZAÇÃO

Globalização é o conjunto de transformações na ordem política e econômica mundial que vem acontecendo nas últimas décadas. O ponto central da mudança é a integração dos mercados numa "aldeia-global", explorada pelas grandes corporações internacionais. Os Estados abandonam gradativamente as barreiras tarifárias para proteger sua produção da concorrência dos produtos estrangeiros e abrem-se ao comércio e ao capital internacional. Esse processo tem sido acompanhado de uma intensa revolução nas tecnologias de informação - telefones, computadores e televisão.

As fontes de informação também se uniformizam devido ao alcance mundial e à crescente popularização dos canais de televisão por assinatura e da Internet. Isso faz com que os desdobramentos da globalização ultrapassem os limites da economia e comecem a provocar uma certa homogeneização cultural entre os países.

CORPORAÇÕES TRANSNACIONAIS

A globalização é marcada pela expansão mundial das grandes corporações internacionais. A cadeia de fast food McDonald's, por exemplo, possui 18 mil restaurantes em 91 países. Essas corporações exercem um papel decisivo na economia mundial.

Segundo pesquisa do Núcleo de Estudos Estratégicos da Universidade de São Paulo, em 1994 as maiores empresas do mundo (Mitsubishi, Mitsui, Sumitomo, General Motors, Marubeni, Ford, Exxon, Nissho e Shell) obtêm um faturamento de 1,4 trilhão de dólares. Esse valor equivale à soma dos PIBs do Brasil, México, Argentina, Chile, Colômbia, Peru, Uruguai, Venezuela e Nova Zelândia.

Outro ponto importante desse processo são as mudanças significativas no modo de produção das mercadorias. Auxiliadas pelas facilidades na comunicação e nos transportes, as transnacionais instalam suas fábricas sem

qualquer lugar do mundo onde existam as melhores vantagens fiscais, mão-de-obra e matérias-primas baratas. Essa tendência leva a uma transferência de empregos dos países ricos - que possuem altos salários e inúmeros benefícios - para as nações industriais emergentes, com os Tigres Asiáticos. O resultado desse processo é que, atualmente, grande parte dos produtos não tem mais uma nacionalidade definida. Um automóvel de marca norte-americana pode conter peças fabricadas no Japão, ter sido projetado na Alemanha, montado no Brasil e vendido no Canadá.

REVOLUÇÃO TECNOCIENTÍFICA

A rápida evolução e a popularização das tecnologias da informação (computadores, telefones e televisão) têm sido fundamentais para agilizar o comércio e as transações financeiras entre os países. Em 1960, um cabo de telefone intercontinental conseguia transmitir 138 conversas ao mesmo tempo.

Atualmente, com a invenção dos cabos de fibra óptica, esse número sobe para 1,5 milhão. Uma ligação telefônica internacional de 3 minutos, que custava cerca de 200 em 1930, hoje em dia é feita por US\$ 2. O número de usuários da Internet, rede mundial de computadores, é de cerca de 50 milhões e tende a duplicar a cada ano, o que faz dela o meio de comunicação que mais cresce no mundo. E o maior uso dos satélites de comunicação permite que alguns canais de televisão - como as redes de notícias CNN, BBC e MTV - sejam transmitidas instantaneamente para diversos países. Tudo isso permite uma integração mundial sem precedentes.

DESEMPREGO ESTRUTURAL

A crescente concorrência internacional tem obrigado as empresas a cortar custos, com o objetivo de obter preços menores e qualidade alta para os seus produtos. Nessa reestruturação estão sendo eliminados vários postos de trabalho, tendência que é chamada de desemprego estrutural. Uma das causas desse desemprego é a automação de vários setores, em substituição à mão de obra humana. Caixas automáticas tomam o lugar dos caixas de bancos, fábricas robotizadas dispensam operários, escritórios informatizados prescindem datilógrafos e contadores.

Nos países ricos, o desemprego também é causado pelo deslocamento de fábricas para os países com custos de produção mais baixos.

NOVOS EMPREGOS

O fim de milhares de empregos, no entanto, é acompanhado pela criação de outros pontos de trabalho. Novas oportunidades surgem, por exemplo, na área de informática, com o surgimento de um novo tipo de empresa, as de "inteligência intensiva", que se diferenciam das indústrias de capital ou mão-de-obra intensivas. A IBM, por exemplo,

empregava 400 mil pessoas em 1990 mas, desse total, somente 20 mil produziam máquinas. O restante estava envolvido em áreas de desenvolvimento de outros computadores - tanto em hardware como em software - gerenciamento e marketing. Mas a previsão é de que esse novo mercado de trabalho dificilmente absorverá os excluídos, uma vez que os empregos emergentes exigem um alto grau de qualificação profissional. Dessa forma, o desemprego tende a se concentrar nas camadas menos favorecidas, com baixa instrução escolar e pouca qualificação. "

O processo de globalização está trazendo profundas transformações para as sociedades contemporâneas. O acelerado desenvolvimento tecnológico e cultural, principalmente na área da comunicação, caracteriza uma nova etapa do capitalismo, contraditória por excelência, que coloca novos desafios para o homem neste final de século. Cultura, Estado, mundo do trabalho, educação, etc. sofrem as influências de um novo paradigma, devendo-se adequarem ao mesmo. Neste novo paradigma, a autonomia é privilegiada. Tornou-se necessidade para a vida numa sociedade destradicionalizada e reflexiva. No mundo do trabalho, a autonomia é diferença que marca a mudança do predomínio do fordismo para o pós-fordismo. Já no que tange à educação, deve a mesma possibilitar o desenvolvimento desse valor, trabalhando o homem integralmente para que ele possa não só atender aos requisitos do mercado, mas também atuar como cidadão no mundo globalizado. Nossa análise caminhará sempre no sentido dos limites e das possibilidades desse mundo, tendo como categoria central a autonomia, e como pensamento norteador a teoria pós-fordista sob o enfoque dos teóricos "Novos Tempos".

COMÉRCIO EXTERIOR

A BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA NAS ÚLTIMAS DÉCADAS

Anos 70: Na década de 70 o Brasil vivia um crescente processo de desenvolvimento industrial. A balança comercial brasileira era equilibrada, pois as exportações de produtos minerais e agrícolas eram suficiente para sustentar as importações de bens de produção para a indústria em expansão. Porém, com a crise do petróleo o preço dos produtos importados subiu muito desequilibrando assim a balança comercial brasileira.

Anos 80: Nos anos 80, também conhecido como década perdida, o Brasil conheceu um período de grande superávit comercial. Mas esse superávit não era fruto do crescimento da economia como nos países desenvolvidos e sim da política de drástica contenção de importações implantada pelo governo. Essa política fazia com que o país obtivesse uma balança comercial favorável. Porém o dinheiro desse superávit, que deveria ser investido para a compra de bens de produção para desenvolver a indústria emergente da época, era gasto em pagamentos de juros da dívida externa.

Anos 90: Na década de 90 a liberação da economia e a abertura do mercado interno integraram de maneira definitiva o Brasil na economia-mundo. Nessa década o país passou a buscar o equilíbrio de suas contas de uma maneira bem mais racional. Agora ele importava os bens de produção necessários para modernizar suas indústrias, essencial para as tornarem competitivas e ingressarem no mundo globalizado, e para equilibrar as exportações passou a procurar de todas as formas atrair investimentos estrangeiros.

PRINCIPAIS PRODUTOS DE EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

Exportações: Hoje os principais produtos que o Brasil exporta para os mais variados lugares do mundo, como um verdadeiro global trade são: produtos agro-industriais tendo

como principais produtos a soja, a laranja e o café, produtos manufaturados (destacamos aí as exportações das indústrias têxteis de calçados) e produtos primários (minérios em geral). Importações: O Brasil importa uma quantidade absurda de produtos e não é atoa que tem uma balança comercial desfavorável. Os principais desses produtos são: bens de produção (máquinas), o petróleo e eletrônicos em geral.

ATUAL POLÍTICA ECONÔMICA BRASILEIRA

A atual política econômica brasileira pode ser dividida em três pontos básicos:

O controle do déficit público: O governo tem hoje um sério problema de déficit público pois o país gasta mais do que consegue arrecadar. Para resolver esse problema o governo visa o enxugamento do estado ou seja, a extinção de cargos inúteis e a revisão de alguns salários fora da realidade e a reforma tributária fiscal que visa diminuir a sonegação de impostos fazendo com que o estado arrecade mais.

O incentivo a exportação: O governo vem incentivando fortemente as exportações visando conseguir o equilíbrio na balança de pagamentos que é bastante deficitária.

Globalização: O Brasil hoje vem buscando de todas as formas conseguir se fortalecer e se tornar competitivo no mundo globalizado. Além disso procura fazer parcerias com vários outros países para abrir caminho para as exportações do país. Um grande exemplo disso é o MERCOSUL.

MERCOSUL

Reafirmando seu compromisso de priorizar o Mercosul, Luiz Inácio Lula da Silva visitou o Peru, governado por Alejandro Toledo, onde assinou o Acordo de Alcance Parcial de Complementação Econômica Mercosul - Peru. Esse acordo constitui-se numa aliança estratégica que possibilitará uma maior aproximação entre o Mercosul e a CAN (Comunidade Andina de Nações).

A Comunidade Andina teve início em 1969, com a criação do Grupo Andino, pelo Acordo de Cartagena (Colômbia), formado pela Bolívia, pelo Chile, pela Colômbia e pelo Peru. Com a assinatura do Protocolo de Trujillo (Peru) em 1996, surgiu a CAN, união aduaneira que recebeu a adesão da Venezuela em 1973 e da qual o Chile se desligou em 1976. Com um PIB perto dos US\$ 270 milhões e uma população estimada em 112 milhões de habitantes, a Comunidade Andina, por meio do Peru, deu um passo importante no processo de integração. Segundo Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, "o acordo abre caminho para a verdadeira integração da América do Sul". Além da redução gradual de tarifas, o acordo possibilitará negociações bilaterais entre o Mercosul e países do bloco andino. Hoje, as exportações brasileiras para o Peru apresentam um superávit de cerca de US\$ 250 milhões. Foram assinados ainda acordos de cooperação para o acesso do Peru às informações obtidas pelo Sivam (Sistema de Vigilância da Amazônia) e para a construção de obras de infra-estrutura. A iniciativa de Lula visa fortalecer o Mercosul e procura assegurar ao Brasil uma posição hegemônica entre os países da região. Estrategicamente, o acordo representa também uma resposta dos países sul-americanos à investida dos EUA, que insistem em impor à América do Sul uma área de livre comércio, a Alca.

O BRASIL E O CONSELHO DE SEGURANÇA.

O Brasil retornou ao Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU). O país foi eleito pela Assembléia Geral da organização, em Nova York, juntamente com Argélia, Benin, Filipinas e Romênia. Como membro rotativo e assume a cadeira em janeiro de 2004. Todos os países eram candidatos únicos às vagas, divididas por região demográfica.

De acordo com a ONU, 182 países votaram para eleger os novos membros rotativos do Conselho. O Brasil recebeu 177 votos para retornar ao grupo. A cada ano, cinco países são escolhidos por uma maioria de dois terços. Mas como todos os candidatos contam com o endosso prévio dos seus respectivos grupos regionais, eles não costumam ter problemas para obter a cadeira.

O Conselho de Segurança é considerado o principal órgão deliberativo da ONU, responsável pelas decisões que tangem paz e segurança internacionais. Suas decisões podem ser obrigatórias para todos os 191 países-membros da ONU. Este ano, Argélia, Benin e Filipinas foram apresentadas por grupos africanos e asiáticos para substituir Camarões, Gunié e Síria. A Romênia foi endossada por Estados do Leste da Europa, para substituir a Bulgária. Os cinco países eleitos em setembro do ano passado - Angola, Chile, Alemanha, Paquistão e Espanha - vão permanecer no Conselho de Segurança até o final de 2004.

Com mandato de dois anos, o país deverá utilizar a oportunidade para reforçar a posição favorável à reforma do Conselho. O Brasil quer a ampliação do órgão para que cada região seja representada de forma mais justa - e, assim, ganhar uma cadeira permanente. O país pleiteia a vaga há décadas, mas a campanha esquentou definitivamente desde o governo de Fernando Henrique Cardoso.

Os brasileiros têm o apoio de quatro dos cinco membros permanentes dentro do atual Conselho. França, Rússia e Inglaterra, os três primeiros, citaram abertamente o país como um dos candidatos fortes às novas vagas no caso de reforma do órgão. O quarto, a China, já manifestou o apoio à idéia de forma extra-oficial. Apenas os Estados Unidos não expressaram seu apoio.

Além dos países com vaga fixa, várias outras nações - como Alemanha, Austrália, Líbano, Portugal, África do Sul, toda a África de língua portuguesa e quase toda a América do Sul - apóiam o Brasil em sua empreitada diplomática prioritária. Dois aliados regionais, México e Argentina, são contra - mas porque acreditam que o Brasil ficaria fortalecido demais com uma eventual eleição.

Mesmo com todo o apoio angariado nos últimos anos para conquistar a vaga permanente, o Brasil tem ainda um problema a resolver: o país está inadimplente com a ONU. Segundo a Folha de São Paulo, as dívidas dos brasileiros nas Nações Unidas já são um vexame: equivalem a cerca de 560 milhões de dólares, entre as contribuições antigas não quitadas e os pagamentos recentes não efetuadas.

A confirmação da vaga temporária para o Brasil firma a posição do país como mais assíduo membro não-permanente do Conselho de Segurança. Será o nono mandato do Brasil em 58 anos de ONU. O país tem sido eleito, em média, a cada três ou quatro anos. O último mandato foi em 1998 e 1999, quando o embaixador na ONU era o atual chanceler Celso Amorim.

O ATENTADO À ONU E A MORTE DO EMBAIXADOR SÉRGIO VIEIRA DE MELLO

A morte do representante especial das Nações Unidas no Iraque, Sérgio Vieira de Mello, última do atentado terrorista ao quartel-general da ONU em Bagdá, atesta a insanidade e a barbárie do terrorismo.

Identificada como força de ocupação - papel desempenhado pelos EUA após invadirem o país sem o aval do Conselho de Segurança -, a missão humanitária das Nações Unidas trabalhava pela paz e pela segurança, empenhada em atenuar a dor e o sofrimento das vítimas da guerra.

Formado em filosofia na França, o carioca Sérgio Vieira de Mello não era propriamente um diplomata e não ameahou reconhecimento internacional nas fileiras do Itamaraty. Era funcionário de carreira da ONU desde 1969 e

conquistou respeito e admiração ao assumir desafios à frente dessa organização em missões de paz pelo mundo.

Teve papel de destaque no processo de estabilização política da península Balcânica, principalmente na Guerra da Bósnia (1991/92) e nos conflitos em Kosovo. Na sua mais notável realização, comandou a reconstrução da ex-colônia portuguesa do Timor Leste. Na invasão de seu território pela Indonésia, em 1975, os timorenses foram massacrados pelas forças de ocupação. A partir de 1999, como chefe das operações da ONU, Vieira de Mello organizou em menos de três anos o país, que despontou como a primeira nação do século 21.

Reconhecido por seu talento de negociador, contava ainda com um invejável currículo de serviços prestados em Bangladesh, Sudão, Chipre, Moçambique, Peru, Líbano, Camboja, Ruanda e Congo. Sua luta pela paz e pelos direitos humanos o transformou numa referência internacional e, por isso, era frequentemente lembrado como possível sucessor do secretário-geral, o ganhador Kofi Annan.

O QUE É ALCA

A Área de Livre Comércio das Américas, ALCA, é uma idéia grandiosa que começou a ser elaborada à três anos. Através dela as barreiras comerciais entre os países que formam a América seriam derrubadas em breve. Produtos e serviços fluiriam pelo continente sem restrições e sem impostos, os preços internos cairiam e economias frágeis como a do Paraguai, teriam a oportunidade de sair da estagnação.

A Alca ainda não foi concretizada, ainda é um projeto previsto para 2005. No dia 16 de maio, houve em Belo Horizonte uma conferência para decidir sobre os próximos passos deste acordo, a ALCA.

Este é um projeto grandioso, que se tornaria maior que a União Européia, quando concreto, gerando uma riqueza anual de 9 trilhões de dólares.

CONFERÊNCIA DE BELO HORIZONTE

Na conferência da semana passada, em Belo Horizonte, representantes de 34 países das três Américas se reuniram com o intuito de discutir sobre o projeto como um todo, e acabaram defrontando-se com uma forte disputa entre o Brasil e os Estados Unidos, duas das economias mais fortes das Américas. Os Estados Unidos, que querem se sobressair no bloco e criar medidas protecionistas apenas à sua economia, querem a abolição das tarifas alfandegárias já no ano que vem (1998). O Brasil não concordou com esta medida do tranco tarifário, pois a considera prejudicial para si e benéfica para os Estados Unidos.

A consequência imediata, seria que os Estados Unidos inundariam o Brasil com seus produtos, isentos de impostos de importação, e que são melhores e mais baratos que os nacionais. Assim, como o Brasil coerentemente decidiu, isso seria prejudicial à economia nacional, realizando, assim, "um belo ato de protecionismo à indústria nacional". Isto poderia produzir efeitos devastadores na indústria nacional e assim, no nível de emprego. Mesmo se o Brasil concordasse com os Estados Unidos, eles continuariam a dificultar a entrada em seu país de vários artigos brasileiros competitivos, pois além das tarifas alfandegárias, adotam inúmeras barreiras sobre os produtos brasileiros. Inúmeros produtos brasileiros sofrem restrições ou nem são aceitos, como a carne brasileira, que não é importada pelos E.U.A porque tem aftosa, segundo eles. Dentre muitos outros, esse é um truque usado para proteger o mercado americano. No conclave diplomático em Belo Horizonte, venceu a posição brasileira, avalizada pelos seus parceiros do Mercosul - Argentina, Uruguai e Paraguai.

Os países engajados no Mercosul querem tempo para estudar como seria um abraço com os Estados Unidos querem também um prazo mais longo para melhorar o que

produzem de forma que a competição comercial venha a ser mais equilibrada no interior do bloco, eles querem, na verdade até o ano trabalhar para reduzir a burocracia, facilitar os negócios e acabar com as restrições não tarifárias às importações como cotas e exigências sanitárias só então, em 2003 se começará a discutir a extinção dos impostos.

"A pressa oferece riscos muito grandes e o Brasil, assim como os outros países do Mercosul quer se proteger" disse Roberto Teixeira da Costa, presidente da seção do brasileira do Conselho de Empresários da América latina. Os empresários brasileiros que compareceram à conferência trabalharam bem ao convencer o governo e os empresários argentinos de sua posição.

A International Institute for Management Development, IMD, fez uma pesquisa dos países mais abertos comercialmente, (ao lado) usando como critério as importações e as barreiras não tarifárias dos mesmos.

Neste ranking os E.U.A., cujas importações correspondem a 12% de seu PIB, estão em 29º lugar e o Brasil, cujas importações correspondem à 8% do seu PIB, está em 35º. Esta "igualdade" é importante quando se quer formar um bloco comercial pois os dois países (E.U.A. e Brasil) são potenciais negociadores.

O verdadeiro interesse dos E.U.A. em quebrar as barreiras não é mais os carros japoneses ou seu desemprego, e sim resolver o seu problema do déficit da balança comercial que em 1996 foi de 160 bilhões de dólares, sendo que suas exportações para outros continentes vem caindo e a solução encontrada foi de expandir estas importações para o próprio continente Americano, o que podemos ver já que as exportações para os países do Mercosul cresceram 160% de 1990 à 1995.

O Mercosul vêm se tornando muito atrativo para o mercado mundial já que países com a Holanda, Espanha, Alemanha, França, e Itália, vêm fazendo muitas feiras comerciais com estes países.

Na verdade o que está interessando o mundo dos negócios é o poder aquisitivo do Mercosul, e seu aumento de 3,5% ao ano.

UNIÃO EUROPÉIA

Enquanto instituições como o Fundo Monetário Internacional, o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento e o GATT procuravam resolver o problema da expansão do comércio internacional, abrangendo a quase totalidade das nações do globo, os Estados Unidos, através do Plano Marshall de Auxílio à Europa, dedicaram-se a promover a reconstrução econômica dos países daquele continente, mediante a criação, em janeiro de 1948, da Organização Européia de Cooperação Econômica (OECE), congregando dezessete países e destinada a equacionar os problemas econômicos, sociais e técnicos dos países associados, dentro das diretrizes do Plano Marshall. Simultaneamente, foi constituída uma união aduaneira entre Bélgica, Holanda e Luxemburgo, conhecida pelo nome de BENELUX, dando-se, assim, os primeiros passos para a gradativa liberalização do comércio intereuropeu.

Em julho de 1952, os três países acima citados, juntamente com a Alemanha Ocidental, França e Itália, compuseram a Comunidade Européia de Carvão e Aço (CEGA), que eliminou, para o carvão, o aço e o minério de ferro, todas as restrições representadas por direitos aduaneiros, discriminação de preços, restrições quantitativas ou monetárias, discriminação em tarifas de transporte etc. entre os países participantes e aplicou uma tarifa aduaneira comum para os não participantes. A Comunidade Européia do Carvão e do Aço pode ser considerada, pois, como o ponto de partida para a constituição do Mercado Comum Europeu.

Finalmente, em 1º de junho de 1995, os seis países citados, em reunião realizada em Messina (Itália),

estruturaram os termos da Comunidade Econômica Européia, também conhecida por Mercado Comum Europeu ou, ainda, por Comunidade Européia, a qual foi formalizada pelo Tratado de Roma, em 1957, entrando em vigor a partir de 1º de janeiro de 1958.

Após várias tentativas infrutíferas, o Reino Unido, Irlanda e Dinamarca passaram a fazer parte, como países-membros, da Comunidade Econômica Européia. Nesse sentido foi assinado, em 22/1/72, um Tratado de Adesão entre aqueles três países e os seis membros originais da CEE, vigorando a partir de 1º de janeiro de 1973. A partir de 1986, foram incluídos Portugal e Espanha.

OBJETIVOS - Em linhas gerais, eram os seguintes os objetivos visados pelo Tratado de Roma:

- a) eliminação, entre os países-membros, de direitos alfandegários e outros tipos de restrições sobre importações e exportações de mercadorias;
- b) estabelecimento de uma tarifa alfandegária e de uma política comercial em relação aos países não associados;
- c) eliminação de obstáculos à livre movimentação de pessoas, serviços e capitais;
- d) criação de uma política agrícola comum;
- e) criação de uma política comum de transportes;
- f) arranjos para assegurar concorrência leal dentro do mercado após a abolição das tarifas;
- g) coordenação das políticas econômicas dos países-membros;
- h) aproximação das respectivas legislações até o ponto necessário para o funcionamento do Mercado Comum;
- i) criação de um Fundo Social Europeu para melhorar o padrão de vida das populações;
- j) criação de um Banco Europeu de Investimentos para ajudar a expansão econômica;
- l) associação de certos países e territórios de ultramar.

Os objetivos previstos no tratado deveriam ser atingidos em três estágios de quatro anos, sendo cada um deles passível de prorrogação, não devendo, entretanto, o total do período ultrapassar 15 anos. A redução paulatina das tarifas alfandegárias foi fixada em 10% em média, calculada com base nas tarifas efetivamente aplicadas pelos países associados em 1º de janeiro de 1957. O término de terceira etapa deveria verificar-se em 31/12/69, porém, em virtude de aceleração ocorrida no ritmo de redução das tarifas, aquele término ocorreu em 30/6/68, ou seja, um ano e meio antes da data especificada no Tratado. Assim, a partir de 1º de julho de 1968, foram eliminados os gravames entre os seis países fundadores da CEE, ao mesmo tempo que se passou a aplicar uma tarifa exterior comum. Com relação aos participantes posteriores (Reino Unido, Dinamarca, Irlanda, Grécia, Portugal e Espanha), previu-se também um esquema progressivo de eliminação de restrições.

O TRATADO DE MAASTRICHT - Em 07/2/92, os doze países da CEE firmaram o Tratado da União Européia (UE) – também conhecido como Tratado de Maastricht – estabelecendo a integração em vários níveis até 1999. O objetivo da União é acelerar o processo de integração econômica e monetária e estabelecer políticas comuns aos países associados. Está prevista a criação de uma moeda única (o "euro"), que funcionará para todos os países-membros, provavelmente a partir de 1999.

Em 1/1/93 passou a haver a livre circulação de mercadorias, serviços, pessoas e capitais entre os doze países. Em 1/1/95, Áustria, Finlândia e Suécia aderiram ao bloco.

ESTRUTURA E ADMINISTRAÇÃO - A União Europeia compreende, presentemente, quinze países-membros: Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Portugal, Reino Unido e Suécia.

Os principais organismos da U E são:

a) o Conselho de Ministros, composto de um ministro de cada país-membro, como organismo supremo para a determinação da política a ser adotada. Suas decisões são válidas para toda a área da UE e podem ser tomadas sem consulta prévia aos órgãos governamentais dos países;

b) o Conselho Europeu, composto pelos dirigentes dos países-membros, tem por finalidade decidir sobre assuntos mais complexos e que possam chegar a impasse no Conselho de Ministros;

c) o Parlamento Europeu, composto por deputados eleitos diretamente pela população, de acordo com o número de habitantes de cada país;

d) a Comissão, órgão executivo responsável pelo cumprimento dos tratados firmados pela UE;

e) a Corte de Justiça, com a faculdade de anular ou confirmar as decisões da Comissão e do Conselho de Ministros. Suas sentenças têm força de lei em toda a União.

SOCIEDADE

GLOBALIZAÇÃO ÉTICA E SOLIDARIEDADE

O seu discurso, que fala da ética, esconde, porém, que a sua é a ética do mercado e não a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente se optamos, na verdade, por um mundo de gente. O discurso da globalização astutamente oculta ou nela busca penumbrar a reedição intensificada ao máximo, mesmo que modificada, da medonha malvez com que o capitalismo aparece na História. O discurso ideológico da globalização procura disfarçar que ela vem robustecendo a riqueza de uns poucos e verticalizando a pobreza e a miséria de milhões. O sistema capitalista alcança no neoliberalismo globalizante o máximo de eficácia de sua malvez intrínseca.

Espero, convencido de que chegará o tempo em que, passada a estupefação em face da queda do muro de Berlim, o mundo se refará e recusará a *ditadura* do mercado, fundada na perversidade de sua ética do lucro.

Não creio que as mulheres e os homens do mundo, independentemente até de suas opções políticas, mas sabendo-se e assumindo-se como homens e mulheres, como gente, não aprofundem o que hoje já existe como uma espécie de mal estar que se generaliza em face da maldade neoliberal. Mal estar que terminará por consolidar-se numa rebeldia nova em que a palavra crítica, o discurso humanista, o compromisso solidário, a denúncia veemente da negação do homem e da mulher e o anúncio que o mundo gentificado serão armas de incalculável alcance.

Há um século e meio Marx e Engels gritavam em favor da união das classes trabalhadoras do mundo contra sua espoliação. Agora, necessária e urgente se fazem a união e a rebelião das gentes contra a ameaça que nos atinge, a da negação de nós mesmos como seres humanos, submetidos a ferocidade da ética do mercado.

É neste sentido que jamais abandonei a minha preocupação primeira, que sempre me acompanhou, desde os começos de minha experiência educativa. A preocupação com a natureza humana a que devo a minha lealdade sempre proclamada. Antes mesmo de ler Marx já fazia minhas as suas palavras: já fundava a minha radicalidade na defesa dos legítimos interesses humanos. Nenhuma teoria da transformação político-social do mundo me comove, sequer, senão parte de uma compreensão do homem e da mulher enquanto seres fazedores da História e por ela feitos, seres da decisão, da ruptura da opção. Seres éticos, mesmo capazes de transgredir a ética indispensável, algo de que tenho insistentemente "falado" neste texto. Tenho afirmado e reafirmado o quanto realmente me alegra saber-me um ser condicionado mas capaz de ultrapassar o próprio condicionamento. A grande força sobre que alicerçar-se a nova rebeldia é a ética universal do ser humano e não do mercado, insensível a todo reclamo das gentes e apenas aberta à gulodice do lucro. É a ética da solidariedade humana.

Prefiro ser criticado como idealista e sonhador inveterado por continuar, sem relutar, a apostar no ser humano, a me bater por uma legislação que o defenda contra as arrancadas agressivas e injustas de quem transgride a

própria ética. A liberdade do comércio não pode estar acima da liberdade do ser humano. A liberdade de comércio sem limite é licenciosidade do lucro. Vira privilégio de uns poucos que, em condições favoráveis, robustece seu poder contra os direitos de muitos, inclusive o direito de sobreviver. Uma fábrica de tecido que fecha por não poder concorrer com preços da produção asiática, por exemplo, significa não apenas o colapso econômico-financeiro de seu proprietário que pode ter sido ou não um transgressor da ética universal humana, mas também a expulsão de centenas de trabalhadores e trabalhadoras do processo de produção. E suas famílias? Insisto, com a força que tenho e que posso juntar na minha veemente recusa a determinismos que reduzem a nossa presença na realidade histórico-social à pura adaptação a ela. O desemprego no mundo não é, como disse e tenho repetido, uma fatalidade. É antes o resultado de uma globalização da economia e de avanços tecnológicos a que vem faltando o dever ser de uma ética realmente a serviço do ser humano e não do lucro e da gulodice irrefreada das minorias que comandam o mundo.

O progresso científico e tecnológico que não responde fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades de nossa existência, perdem, para mim, sua significação. A todo avanço tecnológico haveria de corresponder o empenho real de resposta imediata a qualquer desafio que pusesse em risco a alegria de viver dos homens e das mulheres. A um avanço tecnológico que ameça milhares de mulheres e de homens de perder seu trabalho deveria corresponder outro avanço tecnológico que estivesse a serviço do atendimento das vítimas do progresso anterior. Como se vê, esta é uma questão ética e política e não tecnológica. O problema me parece muito claro. Assim como não posso usar minha liberdade de fazer coisas, de indagar, de caminhar, de agir, de criticar para esmagar a liberdade dos outros de fazer e de ser, assim também não poderia ser livre para usar os avanços científicos e tecnológicos que levam milhares de pessoas à desesperança. Não se trata, acrescentemos, de inibir a pesquisa e frear os avanços, mas de pô-los a serviço dos seres humanos. A aplicação de avanços tecnológicos com o sacrifício de milhares de pessoas é um exemplo a mais de quanto podemos ser transgressores da ética universal do ser humano e o fazemos em favor de uma ética pequena, a do mercado, a do lucro.

Entre as transgressões à ética universal do ser humano, sujeitas à penalidade, deveria estar a que implicasse a falta de trabalho a um sem-número de gentes, a sua desesperação e a sua morte em vida.

A preocupação, por isso mesmo, com a formação técnico-profissional capaz de reorientar a atividade prática dos que foram postos (teria de multiplicar-se).

Gostaria de deixar bem claro que não apenas imagino mas sei quão difícil é a aplicação de uma política do desenvolvimento humano que, assim, privilegie fundamentalmente o homem e a mulher e não apenas o lucro. Mas sei também, que se pretendemos realmente superar a crise em que nos achamos, o caminho ético se

impõe. Não creio em nada sem ele ou fora dele. Se, de um lado, não pode haver desenvolvimento sem lucro este não pode ser, por outro o objetivo do desenvolvimento, de que o fim último seria o gozo imoral do investidor.

De nada vale, a não ser enganosamente para uma minoria, que terminaria fenecendo também, uma sociedade eficaz operada por máquinas altamente "inteligentes", substituindo mulheres e homens em atividades as mais variadas e milhões de Marias e Pedros sem ter o que fazer, e este é um risco muito concreto que corremos.

Não creio também que a política a dar carne a este espírito ético possa jamais ser ditatorial contraditoriamente de esquerda ou coerentemente de direita. O caminho autoritário já é em si uma contração à natureza inquietamente indagadora, buscadora, de homens e mulheres que se perdem, se perdem a liberdade.

É exatamente por causa de tudo isso que, como professor, devo estar advertido do poder do discurso ideológico, começando pelo que proclama a morte das ideologias. Na verdade, só ideologicamente posso matar a ideologia, mas é possível que não perceba a natureza ideológica do discurso que fala de sua morte. No fundo, a ideologia tem um poder de persuasão indiscutível. O discurso ideológico nos ameaça de anestesiá-la a mente, de confundir a curiosidade, de distorcer a percepção dos fatos, das coisas, dos acontecimentos. Não podemos escutar, sem um mínimo de reação crítica, discursos como estes: "O desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século".

Nada é possível ser feito contra a globalização que, realizada porque tenha que ser realizada, tem que continuar sem destino porque assim está misteriosamente escrito que deve ser. A globalização que reforça o mando das minorias poderosas, esmigalha e pulveriza a presença impotente dos dependentes, fazendo-os ainda mais impotentes, é destino certo. Em face dela, não há outra saída senão cada um baixar a cabeça e agradecer a Deus porque ainda está vivo. Agradecer a Deus ou à própria globalização.

REFORMA AGRÁRIA NO BRASIL

A Implementação da reforma agrária no Brasil tem encontrado no decorrer da História a oposição firme e bem-sucedida dos grandes proprietários e latifundiários que concentram a maior parcela das terras cultiváveis do País. Esse processo de redistribuição de terras é sobretudo uma questão política e social. Ele depende, por sua própria natureza, do debate e da ampla participação de todas as classes sociais, principalmente os trabalhadores rurais, intrinsecamente ligados à terra, mas dela sempre excluídos. Esse drama foi muito bem colocado pelo poeta cearense Patativa do Assaré, em seu poema:

- Esta terra é desmedida
- E devia sê comum
- Devia sê repartida
- Um taco pra cada um
- Mode morá sossegado.
- Eu já tenho imaginado
- Que a baxa, o sertão e a serra
- Devia sê coisa nossa;
- Quem não trabáia na roça
- Que diabo é que qué com a terra?

O fato de a reforma agrária não Ter avançado deixa milhões de trabalhadores rurais sem grandes alternativas, forçando-os muitas vezes a ocupar terras que são mantidas inexploradas para fins lucrativos. Isso porque os salários no campo são baixíssimos e há milhões de camponeses que só encontram serviço nas épocas de safras (os trabalhadores temporários), mas que querem cultivar o solo e alimentar suas famílias.

Dentro desse contexto, pode-se discutir dois conceitos de propriedade: a) *terra para trabalho*; b) *terra para*

negócio. A terra para trabalho é aquela utilizada para sobrevivência, garantindo direito à vida. A terra para negócio serve para explorar o valor da propriedade no mercado imobiliário, isto é, ela não se destina à produção e, dessa forma, não cumpre sua função social.

Como se vê, temos duas concepções diferentes e antagônicas de propriedade da terra. Para uns a propriedade é sagrada e inviolável, podendo o dono fazer (ou não fazer) com ela o que bem entender. Para outros a propriedade deve atender a uma função social, deve ser produtiva, pois não é desejável, num país com milhões de pessoas subalimentadas, deixar bons solos sem criações ou cultivos adequados.

Assim, os sem-terra montam seus acampamentos em fazendas improdutivas, procurando criar uma situação que obrigue o governo a desapropriar essas terras e distribuí-las às famílias camponesas. Também nesse caso temos duas concepções distintas acerca do mesmo fato: para os proprietários, trata-se de *invasão*; já para os camponeses trata-se de uma ocupação. No fundo, esse desentendimento evidencia uma outra discordância, muito mais concreta, acerca do conceito de propriedade. Vale a pena esclarecer que, para os trabalhadores rurais, a ocupação de terras ociosas, que não cumprem sua função social (com cultivo, pastagens), não constitui invasão, pois eles têm como princípio o "direito à vida", garantido pela nova Constituição.

Nesse processo de ocupação, os camponeses têm se organizado através do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A etapa posterior à instalação dos acampamentos tem sido uma negociação com as autoridades governamentais, com as seguintes alternativas:

A expulsão da terra e a reintegração de posse para o proprietário ou para o Estado, no caso de terras públicas.

A terra seria decretada para fins de reforma agrária e o proprietário seria indenizado; as benfeitorias seriam pagas em dinheiro e a terra em TDAs (Títulos da Dívida Agrária). A etapa seguinte seria o assentamento (isto é, a fixação legal do camponês à terra) e a obtenção de crédito e assistência técnica.

É importante lembrar que esse processo de luta pela terra (acampamento - assentamento) é muito complexo e violento, não raras vezes envolvendo muitas mortes. De 1964 a 1984 foram assassinadas 884 pessoas, sendo que 565 dessas mortes ocorreram entre 1979 e 1984. De 1985 a 1987 o número de mortes por ano no campo duplicou, perfazendo um total de 787 pessoas.

Na realidade, existem reformas agrárias, no plural, pois elas são sempre diferentes, de acordo com o país onde ocorrem. Elas nascem de mudanças históricas, que são específicas a cada sociedade – não bastam o desejo isolado de algum político ou a vontade de imitar outro país.

São condições sociais que dão origem às lutas pelas terras, à falta de gêneros alimentícios, à distribuição desigual das propriedades, que podem resultar em reformas agrárias. E estas não se limitam à mera distribuição de lotes de terra, pois, para serem conseqüentes, elas necessitam de uma política agrícola de créditos bancários – para a compra de sementes, de adubos, de máquinas, de tratores etc. – além da assistência técnica e da criação das condições para o escoamento da produção.

Uma reforma agrária não visa apenas corrigir uma situação objetiva de injustiça social, mas destina-se a ampliar a produção agrícola, a transformar amplas extensões de terras improdutivas em solos produtivos, cultivados. Assim, aumentando a oferta de gêneros alimentícios, a redistribuição de terras interessa também à imensa maioria da população.

O CASO BRASILEIRO

A questão da reforma agrária no Brasil remonta ao século passado. Nas lutas pela abolição da escravatura, a distribuição das terras já era uma reivindicação de alguns setores da sociedade. Desde essa época, contudo, os

interesses dos grandes proprietários – que constituíam a chamada "oligarquia rural" – já se faziam sentir na política brasileira. Esse panorama permaneceu inalterado durante várias décadas e se estende aos dias atuais.

Já em 1946, a Constituição então promulgada estabelecia que era preciso "*promover a justa distribuição da propriedade para todos*", o que não ocorreu na prática. Diante desse fato, multiplicaram-se no País as organizações dos trabalhadores rurais com o objetivo de defender seus direitos e a realização da reforma agrária, como as ligas camponesas das décadas de 50 e 60, os sindicatos rurais atuantes, a luta dos "sem-terra" rurais, os acampamentos e as ocupações de terras não-cultivadas etc.

Com o advento do regime militar em 1964, essas organizações populares foram intensamente reprimidas, e muitos presos, torturados ou exilados. Como conseqüência, a luta pela reforma agrária declinou, embora a situação no campo continuasse sendo alvo de intensos protestos, dessa vez internacionais. Equipes de estudiosos da ONU (Organização das Nações Unidas) visitaram o País no período e constataram que era necessário melhorar a situação dos camponeses e realizar reformas urgentes no campo.

Essa atitude pode ser bem resumida por uma frase de John F. Kennedy, presidente dos EUA (1960-1963): "*Aqueles que impossibilitam a reforma pacífica tornam a mudança violenta inevitável*". Ou sejam suas palavras querem dizer que é preferível fazer uma mudança "vinda de cima", de forma controlada, a conservar uma situação tão explosiva, que pode originar revoluções "vindas de baixo", populares e espontâneas, que riram contra os interesses capitalistas.

Foi dentro desse contexto que o governo do general Castelo Branco elaborou o estatuto da Terra, que pretendia a extinção tanto do latifúndio quanto do minifúndio (propriedade rural de dimensões diminutas). Essa iniciativa também não chegou a ser posta em prática devido aos interesses dos grandes proprietários.

NOVO CÓDIGO CIVIL

O novo Código Civil entrou em vigor no dia 11/01/03 e contém centenas de normas que regulam a vida das pessoas. A criação de um Código Civil já estava prevista na Constituição de 1824, mas foi só após a proclamação da República (1889) que o tema começou a ser discutido com interesse.

O novo texto não traz alterações muito radicais em relação ao Código anterior, que datava de 1917.

Entre as mudanças estão a redução da idade da maioridade civil de 21 para 18 anos, a criação de novas regras para o funcionamento de empresas e o fim da anulação do casamento se a mulher não for virgem.

ESTATUTO DO IDOSO

O novo Estatuto do Idoso, sancionado pelo Presidente Lula em 1º de Outubro de 2003, tramita desde 1997. A legislação, que entra em vigor em Janeiro de 2004, prevê defesa dos direitos do idoso e punições por desrespeito, que vão de multa a cadeia.

O Estatuto do Idoso estabelece, por exemplo, entre outras regras, que nenhum idoso internado em asilo ou centro de cuidados diurnos poderá ser abandonado por sua família. A pena prevista para esse crime é de 1 a 3 anos de reclusão.

A nova legislação também prevê que nenhum idoso poderá ser objeto de nenhuma forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. Determina ainda que os pacientes mais velhos terão preferência nos atendimentos da rede do Sistema Único de Saúde (SUS) e deverão receber gratuitamente, do poder

público, medicamentos e outros recursos que necessitem para tratamentos médicos.

O ESTATUTO DO DESARMAMENTO

O Senado encaminhou recentemente à Câmara um projeto de lei que proíbe o comércio de armas no país e marca um plebiscito para outubro de 2005. O Estatuto do Desarmamento prevê que o porte ilegal seja tratado como crime inafiançável, e a pena poderá chegar a 12 anos de reclusão. Polêmica, a votação no Congresso deverá mobilizar lideranças partidárias favoráveis e contrárias ao projeto e, principalmente, acionar o lobby dos fabricantes de armas.

Para os defensores do porte de arma, críticos do projeto, o Estado e seu aparato policial não conseguem garantir a segurança do cidadão. Argumentam, então, que privar o indivíduo do direito de se armar para sua autodefesa é o mesmo que abandoná-la à mercê dos bandidos.

Já os que defendem o estatuto afirmam que o número de homicídios no país -cerca de 49 mil com armas de fogo em 2002- comprova que cidadãos armados contribuem para o aumento da violência. A posse de uma arma como garantia de segurança transforma-se muitas vezes, por impulso ou descontrole, no componente que conduz à fatalidade.

Independentemente das divergências, o fato é que num país em que, segundo estimativas recentes, circulam cerca de 22 milhões de armas, apenas 10% das quais com registro, urge uma ação mais firme e eficaz do Estado no combate ao tráfico de armas. Isso sem esquecer que a criminalidade e a violência não podem ser tratadas somente como itens da agenda policial. Exigem antes políticas públicas que possibilitem a inclusão social das camadas mais carentes da sociedade.

De qualquer maneira, se for aprovado o Estatuto do Desarmamento, em outubro de 2005 todos os brasileiros serão convocados a posicionar-se sobre o comércio de armas no país.

A QUESTÃO DOS TRANSGÊNICOS

Roberto Requião (PMDB), governador do Paraná, sancionou uma lei estadual que proíbe o plantio e a industrialização de produtos transgênicos no Estado. A nova lei proíbe também a utilização do porto de Paranaguá (PR) para a importação e para a exportação de organismos geneticamente modificados (OGMs). Maior produtor de grãos do país, Mato Grosso também proibiu o plantio de soja transgênica.

Recentemente, por meio de uma medida provisória, o governo federal autorizou o uso de soja geneticamente modificada para a safra de 2004. Agricultores gaúchos haviam importado da Argentina sementes transgênicas e pressionaram o governo a autorizar o plantio. Argumentam que o cultivo desse novo tipo de soja tem o custo de produção reduzido em até 25%.

Ao introduzir um novo paradigma científico, a biotecnologia possibilitou a manipulação de informações genéticas e a produção de OGMs. No caso da soja, a empresa norte-americana Monsanto desenvolveu um novo tipo, a Roundup Ready, resistente ao herbicida Roundup, comercializado pela própria empresa.

Os argumentos dos que se opõem à política dos transgênicos vão desde os cuidados com a saúde da população até as preocupações com o equilíbrio ambiental. Eles defendem que não há estudos conclusivos e que as multinacionais, entre as quais a Monsanto, estão interessadas no monopólio do mercado brasileiro.

Para solucionar a questão, o governo apresentou a Lei de Biossegurança. A Comissão Técnica de Biossegurança, composta por dez especialistas de "notório

saber científico", será responsável pelo parecer técnico sobre os transgênicos que, em seguida, será avaliado pelos ministérios do Meio Ambiente, da Saúde e da Agricultura. A última palavra será do Conselho Nacional de Biossegurança,

formado por 12 ministros.

A manipulação de OGMs sem autorização será considerada crime.

MUNDO

ACORDOS INTERNACIONAIS

O país já seguia uma política de planejamento familiar antes da Conferência Internacional de População e Desenvolvimento. Na Constituição de 1988, já consta a maioria das resoluções da reunião. Em 1995 é criada a Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPD), composta de representantes do governo, de universidades e de ONGs, para coordenar o programa do Cairo no Brasil. Quatro anos depois, o governo apresenta o Programa de Assistência Básica (PAB) - que consiste em transferir dos recursos federais 6 dólares por habitante para os órgãos de saúde do município - e o Programa de Saúde da Família. Entre as iniciativas de entidades particulares em parceria com o setor público estão a População e Desenvolvimento - Uma Agenda Social 1998/2000, da CNPD e do Instituto de Planejamento e Estudos Aplicados (Ipea); Estratégias de População e Desenvolvimento para o Planejamento, da Fundação Joaquim Nabuco; e o Sistema Integrado de Projeções, Estimativas Populacionais e Indicadores Sócio-Demográficos, do IBGE.

Entre os dez melhores programas desenvolvidos segundo as resoluções da Habitat II e escolhidos pela ONU, em 2000, está um projeto brasileiro, o Programa de Treinamento em Segurança Pública, Direitos Humanos e Cidadania, que procura diminuir a violência policial no Brasil. Outros programas brasileiros ficam entre os 100 melhores, como o de Produção de Material de Construção de Baixo Custo (BA); Projeto Renascer; Fórum Mineiro de Saúde Mental, Moradia; Infra-Estrutura e Erradicação da Miséria em Áreas Carentes; Projeto de Assistência à Criança; Programa de Modernização Administrativa de Santo André; e Doutores da Alegria.

O Brasil também já tomou algumas medidas para viabilizar o programa da reforma agrária. Quase 700 mil famílias foram assentadas nos últimos 17 anos. Em 1999, o Ministério do Desenvolvimento Agrário criou o Banco da Terra, para financiar a aquisição de imóveis rurais e outros investimentos nessa área.

A COMPLEXIDADE POLÍTICA DO ORIENTE MÉDIO – UMA VISÃO SINTÉTICA

Se você tem acompanhado os noticiários internacionais mais recentemente, constata-se que o Oriente Médio voltou mais uma vez, entre as inúmeras, a ser manchete mundial. Em importante ressaltar que, esses fatos noticiados atualmente na verdade são conseqüências de tensões passadas que vêm se acumulando ao longo do tempo. Isto posto, a seguir têm-se uma análise sintética dos principais desdobramentos políticos dessa que sem dúvida alguma pode ser considerada como um dos principais focos de tensão do mundo atual. Por outro lado, analisar as questões políticas do Oriente Médio não é tarefa simples, pois na verdade existem poucos especialistas no mundo que conseguem interpretar de forma precisa e neutra a complexidade política da região. Entretanto, o meu intuito é fazer um estudo dos principais fatos políticos da região e que contemple o seu objetivo maior no momento, ou seja, o vestibular. Inicialmente, é importante dizer que na constituição política do Oriente Médio, o Egito, geograficamente, não faz parte dessa região, mas, culturalmente e do ponto de vista religioso, ele se identifica mais com o Oriente Médio, razão pela qual pode ser incluído nessa área.

O Oriente Médio é uma região estratégica do ponto de vista geopolítico, pois se trata de uma área de passagem entre três continentes. Além disso, foi o berço de grandes civilizações (fenícia, persa, assíria, babilônia e outras), e de três grandes religiões monoteístas - o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Vive também ao longo de sua história sob a influência de várias nações, o que faz com que esta região seja um dos grandes focos de tensão do mundo. É também caracterizado, em termos geográficos, pela presença de grandes desertos, pelo predomínio da população árabe e do islamismo e pela presença de grandes jazidas petrolíferas além da existência do Golfo Pérsico, importante área para o escoamento desse produto.

É uma região em que há uma grande associação entre a religião e a política e ao mesmo tempo há sérios problemas econômicos, apesar da riqueza gerada pelo petróleo. A intensificação da extração do petróleo alterou a estrutura econômica de grande parte dos países da região, elevando a renda nacional e a renda per capita. Porém, o subdesenvolvimento está longe de se extinguir, pois pouco se aplicou em obras de infra-estrutura, em assistência social ou em uma industrialização mais efetiva. Na verdade, os petrodólares ficam concentrados nas mãos dos governantes, que aumentam as suas fortunas individuais, principalmente no exterior, servindo também para os seus excessivos gastos militares. Politicamente a região é dominada por governos autoritários que se mantêm no poder há várias décadas e reprimem com mão-de-ferro os seus opositores, como, por exemplo, no Iraque, no Irã, na Síria, na Arábia Saudita, no Kuwait e no Egito.

Quanto à geopolítica internacional e à sua relação com o Oriente Médio, pode-se afirmar que os países desenvolvidos, sobretudo os Estados Unidos, a ex-URSS, a França e a Inglaterra, em grande parte são os responsáveis pela confusão política vigente na área. Na verdade, três fatos importantes contribuíram para que esta região se tornasse palco de inúmeros conflitos, a saber: as Duas Grandes Guerras Mundiais, a criação e a efetivação do Estado de Israel e a descoberta de grandes jazidas petrolíferas. Este último, pelo menos, é um dos argumentos de "justificativa" dos países capitalistas desenvolvidos, com destaque para os Estados Unidos, para as suas ingerências na região.

Diante dos fatos citados dá para se perceber claramente o quanto é complexa esta região, principalmente em termos políticos, sendo que esta área se caracteriza por inúmeros conflitos há décadas. E não é de forma gratuita que a imprensa mundial se refere a essa área como sendo um barril de pólvora. Um dos pontos fundamentais para o jogo de forças na região foi a criação, na antiga Palestina, do Estado de Israel. Em 29 de novembro de 1947, a ONU votou um plano de partilha da Palestina com a proposta de criar um Estado Judeu e outro Estado Árabe. Em maio de 1948 é proclamado o Estado de Israel, fruto do sionismo, que foi o movimento dos judeus para a criação do Estado Judaico. A Inglaterra foi um dos países que mais influenciou nesse processo e, após a criação desse Estado, quem dá mais sustentação econômica a ele são os Estados Unidos. A partir daí a situação na região começou a se agravar, pois não houve empenho por parte das grandes potências, principalmente dos Estados Unidos e países europeus, para que se fizesse cumprir a resolução da ONU quanto à implantação do Estado Árabe Palestino. Os árabes, sentindo-se lesados e, ao mesmo tempo, manipulados por lideranças feudais, declararam guerra ao Estado Sionista de Israel, sendo que eles estavam totalmente despreparados para um

conflito e acabaram sofrendo grande derrota frente aos sionistas.

Com isso, a maioria da população palestina saiu da região por medo e também devido à expulsão por parte de Israel, constituindo uma diáspora (dispersão pelo mundo) e dando origem à denominada Questão Palestina, que, de uma forma mais simples, resume-se na luta dessa nação para a criação do Estado Palestino. O sustentáculo dessa luta é a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), que é uma frente que congrega várias facções de tendências variadas.

É importante dizer que a partir da criação de Israel a antiga Palestina foi redividida, sendo que o Estado Judeu anexou cerca de 22% a mais do território palestino, sobretudo após os conflitos com os árabes; a Jordânia se apossou de cerca de 20% e a Faixa de Gaza ficou sob administração egípcia. Mais tarde Israel ocupou a Cisjordânia e a Faixa de Gaza, que têm população majoritariamente palestina.

Por esse pequeno histórico pode-se afirmar que esta questão não é fácil de ser solucionada, pois, só para se ter uma idéia da complexidade do problema, imagine, no caso da criação de um Estado Palestino, como ficaria a cidade de Jerusalém, que está dentro do território palestino proposto pela ONU. Essa entidade, propôs a condição de status internacional para esta cidade, só que ela tem um sentido sagrado não só para os judeus, mas também para os muçulmanos e cristãos. Apesar da complexidade e das dimensões, inclusive em termos de violência, da questão árabe-israelense no Oriente Médio, esta questão tem origens relativamente recentes, no início deste século, pois estes povos já viveram harmonicamente na região ao longo de sua história e, na verdade, o conflito apareceu sobretudo a partir do movimento sionista.

Entretanto, após várias décadas de conflito foram feitas várias tentativas de paz na região, através de acordos. Um dos mais importantes foram os denominados Acordos de Oslo em que no ano de 1993, a OLP e o primeiro-ministro trabalhista de Israel, Itzhak Rabin, firmam um acordo de paz em Washington, o qual foi batizado de Oslo, por ser o resultado de negociações ocorridas na capital da Noruega. Os dois lados se reconhecem e assinam um documento que inclui uma série de princípios que prevê a devolução aos palestinos da maior parte da Faixa de Gaza e de parte da Cisjordânia. A partir de 1994, os palestinos conquistam autonomia plena na maioria da Faixa de Gaza e em Jericó, assumindo a administração civil e a segurança interna. A defesa e as relações exteriores continuam em poder de Israel. Por outro lado, a evolução nas negociações, entretanto, é dificultada pela ação de grupos terroristas que se opõem aos acordos.

No de 1995, Israel e a OLP avançam nas negociações e assinam em Washington acordo de extensão do controle palestino na Cisjordânia (Oslo II). Em 1998, o primeiro-ministro de Israel Binyamin Netanyahu e o presidente da Autoridade Nacional Palestina (ANP), Iasser Arafat, assinaram mais um acordo estabelecendo nova retirada de israelenses da Cisjordânia em troca de garantias de segurança dos palestinos contra Israel, sendo que tal acordo já estava prevista nas negociações de Oslo. Veja na figura 6 maiores detalhes desse acordo.

Entretanto, pontos desse acordo não foram plenamente cumprido por Netanyahu, cujo governo se desfaz no final de 1998, em meio a divergências sobre os rumos do processo de paz. Em 1999, o trabalhista Ehud Barak forma uma coalizão ampla de governo (incluindo partidos religiosos), e vence as eleições, e retoma as negociações de paz com os palestinos. Ele desocupou mais 7% da Cisjordânia, libertou cerca de 200 prisioneiros palestinos e inaugurou uma estrada ligando A Faixa de Gaza à Cisjordânia. Barak foi o primeiro chefe de governo israelense a admitir que "o Estado Palestino de fato já existe". Por outro lado, é importante ressaltar que o futuro dessas negociações

depende de uma série de fatores, dentre os quais a intransigência dos setores radicais de ambos os lados, que são contrários ao avanço na caminho da paz, a questão dos assentamentos de colonos judeus em terras palestinas, além da delicada questão do controle das fontes de água existentes na Cisjordânia. Além desses fatores, existe a complexa situação política entre a Síria e Israel pelo controle das Colinas de Golã, que corresponde a uma porção do território sírio, anexado por Israel, sendo um ponto estratégico na geopolítica do Oriente Médio.

Neste ano, mais uma vez ocorre o acirramento das tensões no Oriente Médio, quando no final de setembro, Ariel Sharon, líder da oposição israelense, fez uma visita à Esplanada das Mesquitas, local mais sagrado de Jerusalém para palestinos e judeus (que o chamam de Monte do Templo), provocando protestos palestinos. No dia seguinte à visita, forças israelenses reprimiram violentamente protestos palestinos na esplanada, deixando pelo menos quatro mortos. Desde então, novos protestos de palestinos em Gaza e Cisjordânia e de árabes israelenses dentro de Israel já fizeram cerca de centenas de mortes. Para você entender um pouco mais sobre a ingerência norte-americana na questão árabe-israelense, e da complexa política da região, leia atentamente a reportagem a seguir.

"O secretário norte-americano de Defesa, William Cohen, expressou hoje a preocupação de seu país diante do crescimento da violência no Oriente Médio, durante uma breve visita que fez à Jordânia.

Cohen foi recebido pelo rei Abdalá 2º depois de um encontro com o primeiro-ministro Ali Abu Ragheb. Ele também conversou sobre a ajuda militar norte-americana na Jordânia com o chefe do Estado Maior do Exército do país, o general Mohammed Malkawi. Antes de partir para o Cairo, Cohen declarou em um comunicado que as discussões haviam "tratado sobretudo da necessidade de por fim à violência entre Israel e os palestinos. "É hora de cessar os combates e retornar à mesa de negociações", disse Cohen, que ainda acrescentou que "continuaremos promovendo a paz, a estabilidade e a prosperidade na região".

Por outro lado, o Egito chamou hoje seu embaixador em Israel para protestar contra "a agressão israelense contra o povo palestino e a utilização excessiva da força".

Os Estados Unidos se inquietam por causa de um "transbordamento da violência, fonte de instabilidade na região", declarou o porta-voz do Pentágono, Kenneth Bacon, aos jornalistas que acompanhavam Cohen. Bacon evocou o risco "de manifestações desestabilizadoras", lembrando que 60% da população da Jordânia era palestina. O porta-voz, sem querer ser mais explícito, fez uma advertência contra "as atividades da Síria para estimular a violência". Desde a quarta-feira (15), em cada etapa de sua viagem por nove países do Oriente Médio, Cohen fala a favor do fim das violências e do retorno ao processo de paz.

O secretário lembrou que o presidente Bill Clinton tem sido o principal mediador do processo e falou sobre as estreitas relações que foram estabelecidas com os monarcas do Golfo.

No entanto, nos países que o secretário de Defesa norte-americano visitou Barein, Emirados Árabes Unidos, Catar, Kuwait, Arábia Saudita a imprensa denunciou "o massacre dos palestinos" e criticou "a parcialidade" de Washington a favor de Israel.

Israel foi condenado no mês passado pelo Conselho de Segurança da ONU devido ao uso desproporcionado da força contra os palestinos, mas os Estados Unidos se abstiveram da votação."

Fonte: France Presse, 21.11.2000 in uol.com.br/noticias.

OS CONFLITOS NA COLÔMBIA

Pode-se afirmar que este país corresponde a um

dos principais focos de tensão do continente, pois, ele é palco de um dos mais antigos conflitos da América Latina, porque na verdade trata-se de uma herança dos choques entre conservadores e liberais no decorrer de sua história independente. Os liberais fundam, nos anos 60, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), para lutar pela implantação de um Estado socialista. Outros grupos de esquerda aderem à luta armada – o Exército de Libertação Nacional (ELN) é um dos remanescentes. Entretanto, após anos de combates contra o governo, a partir das décadas de 80 e 90, o conflito ganha um novo personagem: o tráfico de drogas, complicando ainda mais a situação política e social do país.

As FARC é o mais importante movimento guerrilheiro e conta com aproximadamente 17 mil combatentes e controla uma área no interior equivalente ao tamanho da Suíça, cerca de 40% do território nacional, onde determina as suas próprias "leis e a Justiça". Instituiu um imposto (vacina) cobrado da população que varia conforme a vontade do comandante da região, podendo ser em espécie ou em gênero, por exemplo cabeças de gado, parte da produção agrícola etc. Estima-se que as Farc e o ELN arrecadem a cada ano cerca de 500 milhões de dólares como pedágio pela proteção aos traficantes e aos camponeses plantadores de coca contra ações do exército. Portanto, a guerrilha é em grande parte financiada pelo dinheiro proveniente do narcotráfico. Por outro lado, esse conflito tem causado problemas ao país com outras nações, a exemplo dos EUA que durante o ano de 1999 insinuou por várias vezes em invadir o país, com o argumento de repressão ao narcotráfico, pois, os EUA constituem em um dos principais mercados consumidores da droga.

Outro problema internacional também causado pela guerrilha, relaciona-se como o Brasil, pois os guerrilheiros estão sempre fazendo ameaças de utilizar o território fronteiriço com o Brasil, para de refugiarem da ações do exército colombiano, gerando assim reações por parte do governo brasileiro, sobretudo das Forças Armadas. O ELN tem cerca de 6000 combatentes. Sobre a questão do envolvimento dos Estados Unidos na Colômbia e de um possível acordo de paz no país leia a reportagem a seguir.

O porta-voz da guerrilha das FARC, Raúl Reyes, afirmou em entrevista divulgada hoje que a legalização dos paramilitares de ultradireita "faz parte do Plano Colômbia" de luta contra as drogas, para o qual os Estados Unidos repassarão US\$ 1,3 bilhão em ajuda econômica e militar.

"A legalização do paramilitarismo como estratégia contra-revolucionária faz parte do Plano Colômbia. As FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) não podem concordar que o Governo dê legitimidade a grupos de criminosos que continuam ceifando a vida de milhares de colombianos em nome do Estado", declarou Reyes à agência de notícias ANNCOL, que divulga informação do grupo rebelde.

As FARC declararam dia 14 de novembro passado 'congelado' o diálogo de paz com o Governo, alegando que este concedeu 'interlocução política' aos paramilitares ao permitir que o ministro do Interior, Humberto de la Calle, se reunisse com o fugitivo líder desses esquadrões, Carlos Castaño.

Reyes disse que as FARC não 'congelaram' as conversações porque tinham medo de discutir a questão do cessar-fogo e das hostilidades, como parte das negociações de paz.

"Não, de nenhuma maneira tememos discutir esse assunto. Estamos dispostos a continuar dialogando, mas não podemos fazê-lo enquanto não houver por parte do Governo um compromisso sério para impedir que o Plano Colômbia continue fazendo estragos contra os colombianos e os países da América do Sul", enfatizou o líder rebelde. Na opinião de Reyes, "o Partido Conservador do presidente (Andrés) Pastrana está muito debilitado depois de sua derrota

nas eleições (municipais de 29 de outubro passado). O militarismo é o verdadeiro poder na Colômbia. Recebe seus dólares, seus prêmios, sua assessoria dos Estados Unidos pela guerra. Não quer perder o negócio".

"Agora o presidente tem que mostrar sua capacidade e sua decisão política para impor seus critérios a estes setores", declarou Reyes. O "czar" antidrogas dos Estados Unidos, Barry McCaffrey, disse domingo, durante visita oficial a Bogotá, estar confiante em que as FARC retornem logo à mesa de negociações de paz.

Reyes declarou à ANNCOL que as FARC exigem "resultados do Governo (colombiano) na luta contra o paramilitarismo. É o presidente (Pastrana) que tem que dar respostas, não os Estados Unidos. Eles (os norte-americanos) têm o direito de opinar sobre os assuntos que quiserem, assim como nós opinamos sobre os deles".

"Mas os graves problemas que temos devem ser resolvidos por nós colombianos sem intromissões externas. Exigimos nossa independência", destacou Reyes".

Fonte: France Presse, 21.11.2000 in uol.com.br/notícias.

A QUESTÃO POLÍTICA NO PERU

Existem dois movimentos guerrilheiros no país: o Sendero Luminoso fundado em 1975, movimento maoista, ligado a guerrilha rural. É um grupo bastante violento. Seu líder foi preso pelo governo de Fujimori. O outro grupo é o Movimento Revolucionário Tupac Amaru, inspirado nas idéias de Che Guevara e que concentrou suas atividades nas cidades. A atuação do governo, prendendo os principais líderes desses movimentos, fez recrudescer as atividades guerrilheiras no país no final da década de 90. Além desses problemas internos o Peru vive uma situação litigiosa fronteiriça com o seu vizinho Equador, sendo que os dois países estiveram em guerra no ano de 1998.

O movimento zapatista no México

"Somos um exército de sonhadores e, por isso, somos invencíveis. Não podemos perder. Ou melhor, não merecemos" Sucomandante Marcos da guerrilha

Pela citação percebe-se que ao contrário do que muitos analistas internacionais imaginavam, que esse movimento não duraria por muito tempo, nota-se que esses ideais de melhoria para uma parcela excluída da população mexicana vão perdurar por longo tempo. Esse movimento no país ocorre na sua porção meridional, em que o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), representado por camponeses indígenas, iniciou uma luta armada em 1994 contra o exército mexicano no estado de Chiapas, o mais pobre do país. Os zapatistas, como são denominados, exigem reformas econômicas e sociais na região. É importante frisar que, esse movimento teve início no ano em que o México assinou o acordo do NAFTA, uma vez que os zapatistas denunciaram à comunidade internacional, as péssimas condições de vida da população do estado de Chiapas, sendo que esses povos foram os que mais sofreram

Os efeitos da adoção da política neoliberal implementada pelos sucessivos governos.

Entretanto existem analistas que interpretam o conflito em Chiapas, como algo mais profundo do que um movimento guerrilheiro. A esse respeito veja a opinião do sociólogo francês Alain Touraine, (...) *aqueles que vêem na ação dos zapatistas de Chiapas um novo surto guerrilheiro, responsável por criar de forma esporádica focos de violência nas várias partes do território mexicano, engana-se profundamente. A ação armada não é mais essencial para os zapatistas; o que importa a Marcos e aos demais líderes do movimento é desempenhar um papel decisivo na transformação do sistema político. Eles estão cobertos de razão. Em todo o continente impõe-se a liquidação dos regimes e dos modos de gestão herdados do período*

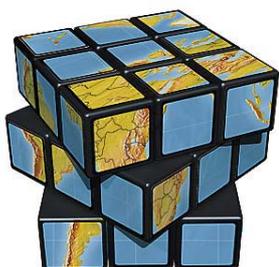
populista. Por toda parte devem opor-se o mais diretamente possível as forças favoráveis à inserção do país na economia mundial e as que procuram lutar por uma melhor integração social da nação, ou seja pela diminuição das desigualdades sociais e regionais.(...) FONTE: Touraine, Alain, A lição dos rebeldes de Chiapas in Folha de São Paulo, 13.10.96, caderno Mais, p. 2

Durante os anos de 96 e 97 ocorreram negociações de paz com vista por fim ao conflito, entretanto setores ligados ao governo sobretudo, os paramilitares não cumpriram parte desses acordos, dificultando assim a solução negociada. Os Zapatistas, contando com o apoio dos partidos de oposição, organizam, em março de 1999, um plebiscito não-oficial sobre suas reivindicações de autonomia para os povos indígenas do México. Cerca de 2,5 milhões de eleitores participam; 97% deles referendam as exigências dos rebeldes. As negociações de paz entre o governo e o EZLN não avançam.

A questão separatista no Canadá

A Província de Quebec, de origem francesa, apresenta uma série de reivindicações para se separar do Canadá desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Em 1969 o país adota o francês como língua oficial, ao lado do inglês. Nos anos de 1980 e 1995 foram realizados dois plebiscitos na província sobre a independência, sendo que no segundo, os partidários do separatismo perderam por um pequena margem de 50.000 votos. A questão política no país é delicada, mas não existem atos violentos por parte da população. O governo do Canadá tenta contornar o problema separatista, nomeando os líderes do movimento separatista para cargos importantes, no entanto, isso parece ser uma questão de tempo para ocorrer.

QUESTÕES PARA ENTENDER O MUNDO



No curto espaço de doze anos, duas ondas de mudança varreram o globo. A primeira delas, desencadeada pela queda do Muro de Berlim, em 1989, eliminou as tensões de quatro décadas de Guerra Fria e pareceu tornar o mundo mais simples e mais seguro. Essa sensação reconfortante durou pouco. Em 2001, uma série de

atentados terroristas nos Estados Unidos voltou a pôr o mundo de pernas para o ar. A ameaça representada por fanáticos religiosos, os conflitos no Oriente Médio, o papel e os limites de atuação dos Estados Unidos como única superpotência militar do planeta – esses foram alguns temas cuja discussão se tornou premente. Eles vieram se juntar a toda uma gama de assuntos complexos que já estavam em pauta, como a globalização da economia ou o desafio de preservar o meio ambiente. A seguir, você vai encontrar os resultados de um esforço jornalístico para abordar de maneira extensiva a realidade cambiante deste começo de século. Sob a supervisão do editor executivo Carlos Graieb, os repórteres Jerônimo Teixeira, Marcelo Marthe, Ronaldo França, Carlos Rydlewski e Tania Menai receberam a incumbência de conversar com quinze personalidades de renome internacional – de filósofos a economistas, de sociólogos a historiadores. Niall Ferguson, Paul Johnson, Alain Touraine, Anthony Giddens, Joseph Nye, Amós Oz, Richard Dawkins, Peter Singer, Eduardo Giannetti da Fonseca, Edmar Bacha, Pedro de Camargo Neto, Albert Fishlow, Jeffrey Sachs, Merle Goldman e James Gustave Speth formam o time que aceitou o desafio de responder a 100 questões vitais sobre o presente, oferecendo diagnósticos, fazendo alertas e indicando caminhos. (veja Edição 1859).

O império hesitante - Niall Ferguson - O historiador e economista britânico acaba de publicar *Colossus*, uma análise original do poder dos Estados Unidos

1. AFINAL, OS ESTADOS UNIDOS SÃO UM IMPÉRIO?
São um império.

2. O QUE OS DEFINE COMO IMPÉRIO?

Um colosso militar e tecnológico que tem em 2004 a mesma poderosa dominação que mostrou em 1944, quando decidiu os rumos da II Guerra Mundial e, aos olhos do mundo, emergiu do conflito não apenas como um libertador, mas como um conquistador.

3. O HISTORIADOR ARNOLD TOYNBEE CHAMOU AQUELE PERÍODO DE "A PRIMEIRA FASE DO IMPÉRIO AMERICANO". ESTAMOS VIVENDO A SEGUNDA FASE?

Sobre aquele período o escritor Harold Laski escreveu uma frase famosa dizendo que "nem Roma, no auge de seu poder, nem a Grã-Bretanha, no período de sua supremacia econômica, tiveram influência tão direta, profunda e ampla quanto os Estados Unidos". Os Estados Unidos estão novamente nessa mesma posição.

4. QUAIS AS OBRIGAÇÕES DE UM IMPÉRIO?

A primeira obrigação de um império é reconhecer-se como tal. A maioria dos americanos tenta negar essa realidade. O presidente Bush disse a repórteres na Casa Branca: "Não somos uma potência imperial. Somos uma potência libertadora, como nações na Europa e na Ásia podem atestar". Isso não é verdade.

5. UM IMPÉRIO PODE ABRIR MÃO DE AMBIÇÕES TERRITORIAIS E APENAS LIBERTAR OS PAÍSES?

Enxergar-se como libertador é justamente uma das características mais distintivas de um império. Os britânicos sentiam-se como libertadores dos países que invadiam. Quando os britânicos ocuparam o Iraque, depois da I Guerra Mundial, eles viviam prometendo devolver o governo aos locais. A verdade é que até os anos 50 havia bases militares britânicas no Iraque.

6. OS IMPÉRIOS SÃO SEMPRE RUINS?

Não. Quando eles admitem seu poder e sua força, começam a ser úteis. O que torna um império desastroso é o que está ocorrendo com os Estados Unidos neste exato momento. Mal as tropas americanas embarcaram para o Iraque e já se começou a falar em uma estratégia de saída. Um país como o Iraque não pode ser estabilizado em quinze meses.

7. MAS DOMINAR UM PAÍS E PENSAR EM UMA MANEIRA DE DEVOLVER O PODER A SEUS DONOS NÃO É ALGO QUE TODO IMPÉRIO DEVERIA FAZER?

Nem sempre. A sorte do mundo em 1944 foi que os Estados Unidos não desembarcaram na Normandia pensando na estratégia de saída. O império americano de 1944 não tinha pressa. Hoje, os Estados Unidos são um império com pressa. Pior, são um império em estado constante de negação de sua condição imperial e que se recusa a reconhecer que o poder global acarreta também responsabilidades globais.

8. UM POVO QUALQUER ASSOLADO POR DITADURAS E GOVERNADO POR MINORIAS CRUÉIS DEVERIA PEDIR

AJUDA AOS ESTADOS UNIDOS OU ÀS NAÇÕES UNIDAS?

Claramente aos Estados Unidos. Acredito que o poder americano continua sendo a melhor opção para derrubar ditaduras e estabelecer a democracia em qualquer parte do mundo. Os Estados Unidos são ainda a melhor opção para transformar pobreza em riqueza no planeta. Mas é cada vez mais claro também que os próprios americanos não têm consciência disso nem estão preparados para gerenciar um império global.

Otimismo incondicional - Paul Johnson - O intelectual inglês afirma que o Ocidente tem armas para vencer qualquer desafio

9. OS ESTADOS UNIDOS PERDERAM A GUERRA NO MUNDO ÁRABE?

Nós, britânicos, tivemos problemas para governar o Iraque, como também os turcos antes de nós. Os americanos vão ter muitos problemas, mas vão superá-los, pois eles são um povo muito persistente e determinado. Os americanos nunca aceitam a derrota e vão continuar até acertar as coisas. Não tenho nenhuma dúvida a respeito.

10. MUITA GENTE NÃO TEM TANTA CERTEZA SOBRE ISSO...

Acredito que a situação no Iraque está muito melhor do que a mídia faz parecer. A imprensa e a televisão estão sempre focando no fracasso e nunca olham o lado bom. Provavelmente, dentro de um ano, a situação no Iraque será normal, até onde as coisas podem ser normais por lá.

11. AS NAÇÕES UNIDAS DEVEM TER SEU PAPEL AMPLIADO NAS CRISES MUNDIAIS?

Não. Se as Nações Unidas tiverem qualquer influência no Iraque, elas vão destruir a democracia e introduzir um novo componente de corrupção. É muito importante manter as Nações Unidas de fora.

12. QUAIS SÃO AS PERSPECTIVAS DE MODERNIZAÇÃO PARA O MUNDO ISLÂMICO?

As outras duas grandes religiões do mundo, judaísmo e cristianismo, já se modernizaram. O cristianismo começou o processo com a Reforma, e o judaísmo no século XVIII, com o chamado iluminismo judaico. Mas o Islã continua sendo uma religião da era das trevas e precisa se acertar com o mundo moderno.

13. O OCIDENTE TEM INFLUÊNCIA MODERNIZADORA SOBRE O MUNDO ISLÂMICO?

Creio que o tumulto atual do mundo islâmico é o começo desse processo de modernização. Já começou, por exemplo, no Marrocos, onde pela primeira vez foram conferidos direitos iguais às mulheres. Foi tudo voluntário: ninguém fez nenhuma pressão para que isso acontecesse. A longo prazo, o futuro do Islã é bom, graças ao Ocidente, mas ainda pode haver muito sangue antes de isso se realizar.

14. É POSSÍVEL IMAGINAR O OCIDENTE PERDENDO A GUERRA PARA O TERROR?

Não. Vamos lutar e vamos vencer, pois temos os meios técnicos para derrotar o terrorismo – ou, pelo menos, para reduzir em muito suas atividades. Podemos secar suas fontes financeiras e monitorar suas atividades por meio dos serviços de inteligência. E, é claro, nós temos a força física.

15. QUANTO TEMPO LEVARÁ ATÉ QUE O OCIDENTE TRIUNFE SOBRE O TERROR?

Pode levar até uma década para termos o terrorismo internacional sob controle, mas não tenho dúvidas de que o conseguiremos.

16. DE UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA, PODEMOS AFIRMAR COM ALGUM GRAU DE CERTEZA QUE O MUNDO CONTINUA EVOLUINDO?

Sim. Sou sempre otimista, pois sou um historiador por profissão. Basta retroceder alguns séculos para notar que a última grande catástrofe para a humanidade aconteceu no século XIV – foi a peste negra, que reduziu severamente a população. Desde então, cada geração que se passou, no Ocidente e em grande parte do mundo, viveu melhor que seus pais ou avós. Cada uma dessas gerações viu uma melhoria no seu padrão de vida.

17. DE MANEIRA GERAL, O MUNDO ESTÁ SE TORNANDO UM LUGAR PIOR OU MELHOR?

As coisas estão melhorando. Hoje, mais do que nunca na história, há mais gente que tem comida decente, um teto sob o qual se abrigar e acesso a cuidados médicos. E isso a despeito do fato de que, nos últimos 100 anos, houve uma explosão populacional. Conseguimos criar tanta riqueza que isso foi compensado.

O poder suave - Joseph Nye - O professor da Universidade Harvard reflete sobre os danos que a Guerra do Iraque fez à imagem americana

18. A IMAGEM HOLLYWOODIANA DOS ESTADOS UNIDOS COMO UM PAÍS DE SONHO E OPORTUNIDADES FOI, ATRÁS APENAS DO CRISTIANISMO, A MAIOR FORÇA DE CONVENCIMENTO CONHECIDA PELA HISTÓRIA DA HUMANIDADE. O DESASTRE AMERICANO NO IRAQUE MINOU PARA SEMPRE ESSA IMAGEM?

Foi alto o desgaste não apenas para a imagem, mas também para o que chamo de *soft power* dos Estados Unidos, ou seja, a habilidade de alcançar objetivos por meio da atração em vez da coerção. Essa habilidade deriva da cultura, dos valores e das políticas de um país. Pesquisas internacionais mostram que os Estados Unidos perderam sua atratividade ao redor do globo nos últimos anos. A arrogância e o unilateralismo de nossas políticas minaram nossa maior força, que sempre foi o fato de representarmos um modelo de convivência, de criação e de justiça. Perdemos o poder de atração e a coerção não nos serviu para nada.

19. É POSSÍVEL RECUPERAR ESSE PODER DE ATRAÇÃO?

Sim. Nós já fizemos isso antes. Durante a Guerra do Vietnã, no começo dos anos 70, o antiamericanismo foi intenso, mas nos recuperamos no espaço de uma década. Não apenas modificamos nossa política no Vietnã; a ênfase na democracia e nos direitos humanos demonstrada pelos presidentes Jimmy Carter e Ronald Reagan também ajudou a ressaltar valores americanos atraentes.

20. O PODER CULTURAL DOS ESTADOS UNIDOS TAMBÉM DECLINA?

Há demonstrações de que a maior parte do antiamericanismo atual é dirigida contra nossas políticas e não contra nossa cultura. Afortunadamente, é mais fácil mudar políticas que mudar a cultura.

21. O QUE FAZER PARA RECONSTRUIR A IMAGEM DOS ESTADOS UNIDOS NO MUNDO?

Não gastamos mais que 1 bilhão de dólares por ano na transmissão internacional de informações e em programas de intercâmbio – é quase o mesmo valor que a França, que é um país muito menor que o nosso, emprega. Uma comissão bipartidária do Congresso americano relatou no ano passado que nossos gastos com diplomacia em todo o mundo islâmico foram de 150 milhões de dólares, o que equivale a umas poucas horas de despesa do orçamento de defesa. Se gastássemos 1% do orçamento de defesa em diplomacia,

isso já quadruplicaria nosso investimento nos instrumentos de convencimento.

22. QUAIS AS MEDIDAS NECESSÁRIAS PARA OS ESTADOS UNIDOS VOLTAREM A SER A TERRA DA LIBERDADE, COMO DIZ O HINO DO PAÍS?

A recuperação do verdadeiro poder americano dependerá de diversas mudanças. No campo internacional, é preciso encontrar uma solução política para o Iraque, investir mais pesadamente no fomento do processo de paz no Oriente Médio e trabalhar com mais afinco na tarefa de aproximação com aliados. As pesquisas mostram que nosso unilateralismo convenceu os povos de outros países de que não levamos em consideração nem respeitamos seus interesses.

23. O MEDO DO TERRORISMO PODE ESTAR SOBREPUNDO OS VALORES FUNDAMENTAIS QUE FIZERAM DOS ESTADOS UNIDOS UM GRANDE PAÍS?

A Suprema Corte já está revendo casos de detentos aos quais não foi oferecido acompanhamento legal. E a capacidade de nossa imprensa e de nosso Congresso para tornar públicos abusos como os da prisão de Abu Ghraib, no Iraque, prova que nossa democracia funciona. Se demonstrarmos disposição para admitir erros e punir transgressões às nossas leis, aqueles que desejam ser nossos amigos se sentirão reconfortados. Os americanos erram, mas nossos valores são sólidos e, se formos fiéis a eles, nos tornaremos atraentes novamente.

O papel da Europa - Alain Touraine - O renomado sociólogo francês conclama os europeus a "assumir um papel ativo na criação de um novo equilíbrio geopolítico"

24. QUAL O PAPEL DA EUROPA NO MUNDO PÓS-11 DE SETEMBRO?

A Europa precisa ter papel ativo na criação de um novo equilíbrio geopolítico, propondo um relacionamento com o mundo islâmico que não seja marcado somente pelo confronto direto. Os europeus precisam ter consciência de que está enraizada na opinião pública americana a idéia de que os Estados Unidos são os únicos guerreiros numa cruzada contra o mal. Os países europeus – em especial, a França e a Alemanha – são vistos como insensíveis e incapazes de ação. De fato, nos últimos anos a maior característica da Europa foi sua incapacidade de tomar decisões.

25. O ATAQUE TERRORISTA A MADRI PODE DESCARRILAR AS RELAÇÕES DA EUROPA COM O MUNDO ISLÂMICO?

Os recentes atentados em Madri recolocaram a discussão sobre o terror na ordem do dia. Cada vez mais, a animosidade entre judeus e árabes se espalha por países como a França. A tendência é que essa tensão só aumente se nada for feito. Os europeus devem compreender quanto uma aliança sobre bases sólidas com a Turquia é fundamental para redefinir a convivência pacífica com o mundo islâmico.

26. A EUROPA TEM ALGUMA INFLUÊNCIA SOBRE AS AÇÕES AMERICANAS?

A consequência mais catastrófica do 11 de Setembro foi provocar uma mudança histórica na forma como os Estados Unidos se relacionam com o mundo. Durante os anos 90, a pauta internacional dos Estados Unidos centrava-se em questões relacionadas à economia, ao progresso tecnológico e à chamada globalização, projeto que supõe um certo nível de multilateralismo. Repentinamente, as lideranças americanas pararam de falar nisso tudo e passaram a falar apenas de guerra e religião. O país abandonou de forma abrupta o multilateralismo e as instituições internacionais

criadas sob sua égide no pós-guerra, para adotar posições unilaterais de maneira muito explícita.

27. O TERROR ISLÂMICO PODE OBTER ARMAS AINDA MAIS LETAIS DO QUE AS QUE JÁ POSSUI?

A falta de perspectivas para o problema dos palestinos, agravada pelo intervencionismo americano no Iraque, alimenta a fogueira do ódio e do ressentimento dos árabes pelo Ocidente. Se não se reverter isso, os confrontos com o mundo islâmico poderão colocar o planeta em perigo, pois tudo indica que o terror sofisticará cada vez mais seus meios de ação. Não se deve subestimar o risco de que grupos islâmicos consigam adquirir armas atômicas.

O novo terror - Anthony Giddens - O sociólogo inglês, grande teórico da "terceira via", fala sobre a batalha mundial entre pluralismo e fundamentalismo

28. INTERVENÇÕES MILITARES INTERNACIONAIS AINDA SÃO ACEITÁVEIS DEPOIS DO FIASCO AMERICANO NO IRAQUE?

Vamos precisar do intervencionismo internacional para lidar com algumas crises, mas será difícil deitar regras claras e rígidas para essa matéria. Certamente, ações apoiadas pelas Nações Unidas são as mais desejáveis, mas isso pode ser problemático de alcançar, como foi no caso de Kosovo e do Iraque.

29. GOVERNOS PODEROSOS COMO O DOS EUA APRENDEM COM SEUS ERROS?

A melhor esperança para o mundo é uma liderança liberal nos Estados Unidos, aberta a trabalhar em proximidade com as Nações Unidas onde for possível e com outras nações democráticas onde for necessário, que não seja indiferente ao julgamento da opinião mundial e que respeite os limites de sua própria soberania. Mesmo que haja uma nova administração Bush, espero que ela tenha aprendido a lição sobre a importância da colaboração e sobre os limites do uso exclusivo do poderio militar.

30. O FUNDAMENTALISMO DE BUSH E DA AL QAEDA PODE SER VENCIDO?

Tenho quase total certeza de que a batalha entre o fundamentalismo e o pluralismo será vencida pelos pluralistas, mas será um caminho difícil e haverá muitos retrocessos e fracassos.

31. O QUE SIGNIFICA EXATAMENTE O "TERRORISMO DE NOVO ESTILO", EXPRESSÃO TÃO EM VOGA?

É o novo terrorismo, representado pela Al Qaeda e por outros grupos semelhantes; ele é geopolítico em suas aspirações, emprega toda a gama de novas tecnologias de comunicação e está preparado para ser implacável na perseguição de seus objetivos.

32. A AL QAEDA SE ORGANIZA COMO UMA EMPRESA DO MAL?

Ela é como uma ONG maligna: é impulsionada pelo sentimento de ter uma missão, tem ramificações em vários países e quer redesenhar a sociedade mundial de acordo com seus objetivos. Onde o terrorismo de novo estilo tem interseções com Estados falidos ou mercenários, ele se torna particularmente perigoso, pois pode conseguir armas letais.

33. A EUROPA CONVIVE BEM COM AS POPULAÇÕES ISLÂMICAS LOCAIS. ELA PODE ESTAR SENDO TAMBÉM LENIENTE COM O TERRORISMO?

O "euroisolacionismo" é uma postura muito comum. É a visão equivocada de que os europeus podem fugir aos problemas do mundo, de que podemos retroceder para dentro de nossas próprias fronteiras. Mas, na verdade, a Europa é altamente vulnerável a um grande ataque terrorista.

34. A EUROPA SEMPRE PRECISARÁ DOS AMERICANOS PARA RESOLVER SUAS PRÓPRIAS ENCRENCAS?

A Europa está, até certo ponto, pegando carona no poderio militar americano. Ela não conseguiu resolver problemas em seu próprio quintal, como ficou claro no caso da Bósnia e de Kosovo, sem a tecnologia e o efetivo americano.

35. A DEMOCRACIA TEM ALGUMA CHANCE NO IRAQUE?

Ninguém sabe, obviamente, o que acontecerá no Iraque nos próximos meses ou anos. Eu acredito que há uma chance de alcançar uma quase-democracia por lá, mas essa possibilidade seria muito maior se os americanos modificassem o plano de construir um Estado-cliente, subserviente a seus interesses – e também se os americanos se mostrassem mais justos no tratamento do conflito Israel-Palestina.

36. A DERROTA DE BUSH NAS PRÓXIMAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS PODE APRESSAR AS MUDANÇAS?

Acredito que uma administração democrata teria uma abordagem multilateral tanto para o Iraque quanto no que diz respeito a tratados globais.

O fanatismo é o mal - Amós Oz - Para o maior escritor de Israel, o desejo de impor crenças ao vizinho é a maior ameaça à paz mundial

37. O FANATISMO PODE SER CONSIDERADO A PRINCIPAL RAIZ DA AMEAÇA TERRORISTA NO MUNDO ATUAL?

Pode. O terror prospera nas sociedades com muita pobreza e injustiça, mas o grande mal é o fanatismo. O fanático é, essencialmente, alguém que deseja impor sua crença aos outros, não importa como. A religião ensina uma forma de fanatismo, mas não é a única. Tenho visto fanáticos de muitos tipos e cores: vegetarianos capazes de devorar vivos aqueles que comem carne ou antitabagistas que fariam o mesmo com um fumante. Conheço ainda pacifistas que dariam um tiro na cabeça de alguém que ousasse defender diante deles outro meio que não a paz para resolver conflitos. É possível achar o fanatismo mesmo nas sociedades mais ricas e informadas.

38. O FANÁTICO DISPOSTO A SE EXPLODIR E A EXPLODIR INOCENTES PODE SER TRAZIDO DE VOLTA À LUTA POLÍTICA DEMOCRÁTICA?

A luta contra o fanatismo passa, em primeiro lugar, pela educação. Devemos inculcar nas gerações futuras o conceito de que nenhum fim – mesmo que seja a liberdade – justifica o uso de ferramentas terroristas. É necessário também deixar muito claro aos fanáticos que, por maiores que sejam as ameaças que eles lançam, o mundo não cederá a suas chantagens.

39. COMO ISSO DEVE SER MOSTRADO AOS TERRORISTAS?

Vimos recentemente um exemplo de como não transmitir a mensagem correta. Estou falando do que ocorreu nas eleições da Espanha, depois do atentado de março de 2004 em Madri. A vitória da oposição no pleito certamente levou os terroristas a acreditar que seu ato mudou o rumo da votação. Eles agora imaginam que conseguiram manipular a opinião pública num país democrático. O mundo poderá pagar caro por isso, pois não se pode descartar a hipótese de que o terror tentará repetir esse efeito em outros países.

40. O CONFLITO ENTRE ISRAELENSES E PALESTINOS PODE SER RESOLVIDO ALGUM DIA?

A resolução do conflito palestino tem sido inviabilizada pela ação dos fanáticos de ambos os lados. A boa notícia que não

se vê na mídia é que a vasta maioria dos judeus israelenses e a vasta maioria dos palestinos de origem árabe hoje aceitam que não há outra saída senão a convivência de dois Estados vizinhos.

41. ISRAELENSES E PALESTINOS TERÃO ALGUM DIA UMA CONVIVÊNCIA NORMAL?

Tenho a convicção de que palestinos e israelenses saberão viver como vizinhos que se respeitam. Eles não precisam casar-se e ir para a cama juntos. A solução é criar um Estado palestino ao lado de Israel, como o modelo adotado na antiga Tchecoslováquia, cuja população voluntariamente separou o lado checo do eslovaco. O paciente está pronto para a cirurgia, mas os médicos são covardes.

42. COMO É VIVER NUM LUGAR ONDE A AMEAÇA DO TERRORISMO É DIÁRIA?

Conviver diariamente com o terrorismo é como habitar a encosta de um vulcão: por mais que as pessoas tentem levar a vida como se nada estivesse acontecendo, pesa sobre elas a eterna ansiedade de saber que cedo ou tarde o desastre poderá bater a sua porta. Viver em Israel hoje é estar sobre esse vulcão o tempo todo.

43. QUAL SEU MAIOR SONHO?

Quisera eu viver até o dia em que a ameaça terrorista não pudesse manchar a realidade.

Contra as religiões - Richard Dawkins - O biólogo inglês, célebre defensor da teoria evolucionista, diz que os homens viveriam melhor sem crenças religiosas

44. POR QUE AS RELIGIÕES, TIDAS COMO ELEMENTOS DE COMUNHÃO COM DEUS, ACABAM SENDO FATORES DE DIVISÃO ENTRE OS POVOS DA TERRA?

As religiões pregam a comunhão dentro dos próprios limites. E promovem a separação em relação às demais religiões. É claro que as pessoas também se dividem em torno de crenças políticas e ideológicas. Mas, quando tratamos de crenças políticas, podemos ao menos discuti-las. Com a religião não é assim. Por definição, a religião é baseada na fé. Você apenas diz: "Eu acredito porque acredito". E logo surgem aqueles que acrescentam: "Se você acredita em algo diferente, então vou matá-lo".

45. O INSTINTO DE PRESERVAÇÃO NÃO DEVERIA IMPEDIR QUE AS PESSOAS SE MATASSEM POR RAZÕES COMO AS RELIGIOSAS?

Sim, mas porque os homens-bomba acreditam que irão para o paraíso – e porque a vida deles geralmente é miserável – o suicídio se torna um comportamento racional. Se pudéssemos abolir a religião ou convencer as pessoas de que suas religiões são ilusões, provavelmente não teríamos mais atentados suicidas.

46. O ISLAMISMO É MAIS PERIGOSO DO QUE OUTRAS RELIGIÕES?

Não se deve olhar apenas para o presente. O Islã hoje é a religião mais belicosa, mas não foi assim nos séculos passados. Todas as três grandes religiões monoteístas – islamismo, judaísmo e cristianismo – autorizam as pessoas a ter posições muito fortes e apaixonadas. Isso é tão verdade para o muçulmano Bin Laden quanto para o protestante Bush.

Em defesa da ética - Peter Singer - O filósofo australiano, um dos mais polêmicos pensadores morais da atualidade, fala sobre as ameaças aos valores universais

47. EPISÓDIOS DE TORTURA COMO OS OCORRIDOS NA PRISÃO DE ABU GHRAIB REPRESENTAM UM RETROCESSO DA ÉTICA?

Sim. No século XIX, o historiador irlandês W.E.H. Lecky falou do interesse humano como um círculo em expansão, que primeiro englobaria o indivíduo, depois a família, a classe social, a nação, até incluir a humanidade toda e, no limite, os animais. A tortura empregada por militares americanos no Iraque é um exemplo de que o círculo também pode encolher. Um dos problemas de ser um exército de ocupação é exatamente este: o círculo moral pode encolher à medida que passamos a desprezar o inimigo. Mas são incidentes individuais. A tendência histórica geral é a expansão do círculo.

48. O GOVERNO DE UMA POTÊNCIA MUNDIAL COMO OS ESTADOS UNIDOS PODE SER INTEIRAMENTE ÉTICO MESMO ENFRENTANDO INIMIGOS QUE A DESPREZAM?

Um governo pode e deve ser coerente na tentativa de manter a política que subscreve. O presidente Bush, porém, não é coerente. Essa incoerência vai de temas domésticos como impostos e taxas às intervenções militares no Afeganistão e no Iraque, passando por questões como as liberdades civis e a eutanásia.

49. OUTRO PRESIDENTE AMERICANO PODERIA SER MAIS ÉTICO QUE BUSH NAS ATUAIS CIRCUNSTÂNCIAS?

Para ficar em um exemplo, Bush, com base em seu credo declarado na santidade da vida humana, se opõe ao aborto e ao uso de embriões na pesquisa de células-tronco. Ao mesmo tempo, ele é um defensor da pena de morte e não se importa que os "danos colaterais" da guerra matem civis no Iraque. Ele é incoerente no que fala e no que faz: costuma dar declarações contraditórias, e suas ações freqüentemente vão na direção oposta daquilo que ele diz.

50. INTERVIR MILITARMENTE NUM PAÍS NÃO CONTRARIA A ÉTICA?

Intervenções militares internacionais continuarão sendo possíveis e talvez até necessárias, de acordo com o cálculo dos benefícios prováveis. Não sou pacifista. Do ponto de vista da ética utilitária que sigo, uma intervenção militar será justificável se o sofrimento causado por ela for menor do que o sofrimento que subsistiria se nada fosse feito.

51. QUAL SERIA O MODELO IDEAL DAS INTERVENÇÕES INTERNACIONAIS?

Nesse modelo, um país como os Estados Unidos faria parte de esforços cooperativos multilaterais e não tomaria mais decisões de forma isolada. Dessa forma, as suspeitas de que um país age somente na busca de interesses próprios se desvaneceriam.

52. A GUERRA AO TERRORISMO PODE SER CONDUZIDA SEM COMPROMETER OS PRINCÍPIOS UNIVERSAIS?

Não devemos permitir que a guerra ao terrorismo destrua valores pelos quais lutamos muito e que nos custaram um longo tempo para conseguir. Os direitos humanos e a lei internacional devem prevalecer, por mais tentador que seja violá-los.

53. ATAQUES TERRORISTAS JUSTIFICAM TODA E QUALQUER AÇÃO MILITAR AMERICANA, COMO PENSA BUSH?

Creio que corremos o risco de tirar as coisas de proporção. Sem querer minimizar a gravidade dos atos terroristas, o fato é que eles ainda são relativamente pequenos, se comparados a uma guerra convencional. Mais civis morreram no Iraque do que nos ataques terroristas aos Estados Unidos em 11 de setembro.

A busca da felicidade - Eduardo Giannetti - Economista e cientista social mineiro, Giannetti discute a "servidão econômica" no mundo contemporâneo

54. OS GRANDES ECONOMISTAS DO PASSADO SONHAVAM EM LIBERTAR O HOMEM DA ESCRAVIDÃO ECONÔMICA POR MEIO DO PROGRESSO. ESTAMOS LONGE DESSE IDEAL?

Por mais de 200 anos, o Ocidente tem convivido com a idéia de que o controle técnico e científico do mundo está diretamente ligado ao aumento da felicidade humana. Tomo a palavra felicidade, aqui, no sentido que a tradição filosófica lhe deu, e que vai além do mero conforto que os bens materiais possam trazer. No campo da economia, o corolário dessa idéia é que o crescimento contínuo de nossas riquezas redundaria em melhoras no bem-estar subjetivo. Isso não ocorreu.

55. A NOÇÃO DO SENSO COMUM SEGUNDO A QUAL A PESSOA QUE TEM MUITO SEMPRE QUER MAIS É VERIFICADA TAMBÉM ENTRE SOCIEDADES INTEIRAS E PAÍSES?

Ingressamos numa situação paradoxal. Quanto mais o mundo avança do ponto de vista econômico, mais a economia se torna uma questão obsedante para os governos e as sociedades, e mais as pessoas se sentem enredadas num modelo de vida fundado no consumo e no sucesso material. Isso leva a situações de conflito. Mais de 80% dos americanos, por exemplo, acreditam que a preocupação com o dinheiro ocupa um espaço excessivo em sua vida.

56. POR QUE O PROGRESSO ECONÔMICO NÃO É SINÔNIMO DE FELICIDADE?

Nos últimos anos, uma série de pesquisas empíricas tem demonstrado que essa crença no vínculo intrínseco entre progresso econômico e felicidade pode estar equivocada. Não se encontrou evidência, por exemplo, de que, a partir de um nível relativamente baixo de renda per capita, acréscimos a essa renda trariam maior bem-estar à população. Estima-se que esse "nível relativamente baixo" esteja próximo dos 10.000 dólares per capita levando em conta a paridade do poder de compra da moeda. Essa é a renda de países como Portugal, Irlanda e Coréia do Sul.

57. A BUSCA PERMANENTE DE RIQUEZA MATERIAL, ENTÃO, NÃO FAZ SENTIDO?

Se estiver certo esse tipo de pesquisa a que me referi, a resposta é não. Isso porque, a partir de certo ponto, não faz sentido sacrificar outros bens, como a preservação da natureza, o cultivo das relações pessoais e a espiritualidade, em nome dos bens econômicos. Mas a lógica não tem se mostrado um motor motivacional forte o bastante nesse ponto. Apesar de as pessoas não se sentirem mais felizes com a abundância, parece que estamos programados para viver numa corrida eterna em busca de status sempre maior.

58. O FOSSO ENTRE OS PAÍSES MAIS RICOS E MAIS POBRES DO PLANETA VAI DIMINUIR OU AUMENTAR NO SÉCULO XXI?

Com base nos dados de que dispomos, é possível imaginar uma melhora progressiva no padrão de vida nas regiões mais atrasadas, mas não o estreitamento do fosso entre nações ricas e regiões pobres. De 1965 a 1995 a renda média por habitante nos países ricos cresceu 2,4% ao ano, enquanto no mundo a taxa foi de 1,6%. A distância aumentou em vez de diminuir.

59. O QUE ACONTECERIA SE O PADRÃO DE VIDA E CONSUMO DE UM PAÍS COMO OS ESTADOS UNIDOS SE UNIVERSALIZASSE?

A biosfera simplesmente não agüentaria esse processo. Um americano típico é responsável pela liberação anual de uma quantidade de dióxido de carbono dezoito vezes maior que a de um indiano e sete vezes maior que a de um chinês. Se as quantidades se iguallassem, o planeta entraria em colapso.

Passaporte para o futuro - Edmar Bacha - As perspectivas do Brasil no século XXI, na visão do economista que ajudou a dar vida ao Plano Real

60. O PLANO REAL NÃO TROUXE O CRESCIMENTO ACELERADO. ELE VIRÁ UM DIA?

O crescimento virá quando forem satisfeitas as condições seguintes: redução da informalidade, aumento da capacidade de exportação e formação de capital em novas bases no país, de modo a restabelecer a poupança interna.

61. O PESO QUE SE DÁ À IMPORTÂNCIA DO APRIMORAMENTO INSTITUCIONAL NÃO É EXCESSIVO?

O Brasil tem um imenso "risco jurisdicional", palavra que uso por falta de uma mais precisa. Refiro-me à jurisdição, aqui, como o poder do Estado de editar leis. No Brasil, a jurisdição se tornou arriscada para o investidor – basta lembrar a série de calotes que o país deu.

62. COM A ESTABILIZAÇÃO DA MOEDA, OUTRAS DEFORMAÇÕES DA ECONOMIA BRASILEIRA TORNARAM-SE MAIS EVIDENTES. QUAIS SÃO ELAS?

Temos uma brutal informalidade no mercado de trabalho, o que reduz enormemente a produtividade da economia brasileira. Para recompor a poupança, o governo criou uma poupança estatal, baseada no FGTS, no PIS/Pasep, além de uma série de impostos sem renda, que são as contribuições sociais que taxam não a renda mas a simples movimentação financeira. A conseqüência é que a economia se informalizou e com isso perdeu produtividade. Reduzimos a capacidade de responder, com elevação de oferta, a um aumento de demanda do mercado. O Plano Real não resolveu esse ponto, mas nos permitiu enxergá-lo com clareza.

63. A DEFESA INTRANSIGENTE DA MOEDA PROVOCOU OUTRAS MUDANÇAS POSITIVAS NO BRASIL?

O Plano Real mudou definitivamente a maneira de fazer política econômica no Brasil. Foi uma reforma monetária amplamente anunciada e integralmente negociada com o Congresso. Acabou com a idéia de que você pode implantar planos da noite para o dia.

64. HÁ MOTIVOS PARA ESTAR OTIMISTA COM A ECONOMIA BRASILEIRA?

Sim. Há um amplo entendimento nacional a respeito de quais são os ingredientes do processo de crescimento.

65. QUAL O IMPACTO PARA O FUTURO DO BRASIL DE O PT NÃO TER PRODUZIDO A TEMIDA RUPTURA COM A ECONOMIA DE MERCADO?

O Brasil está caminhando para se tornar um país capitalista avançado, em que a alternância de poder entre progressistas e conservadores não modifica o substrato básico do que deve ser uma economia capitalista moderna. A disputa pelo poder será de agora em diante algo muito mais maduro. Como jamais foi antes no Brasil. A névoa política se dissipou.

Celeiro do mundo - Pedro de Camargo Neto - A revolução agrícola, segundo o negociador que articulou a maior vitória do Brasil contra os Estados Unidos na Organização Mundial do Comércio

66. AINDA FAZ SENTIDO FALAR EM PAÍSES COM "VOCAÇÃO AGRÍCOLA"?

Sem dúvida. O Brasil, por exemplo, tem muito sol e água, apesar de o nosso solo não ser o mais rico. Isso demonstra uma vocação, embora seja preciso educação, tecnologia e capital para concretizar o potencial.

67. O CONCEITO DE BRASIL COMO "CELEIRO DO MUNDO" É ATUAL?

Sim. Estamos no caminho. Já corrigimos muita coisa errada desde a abertura econômica, no início dos anos 90.

68. A LIBERALIZAÇÃO TEVE INFLUÊNCIA POSITIVA SOBRE A PRODUTIVIDADE?

Claro. O Estado de São Paulo, por exemplo, não podia exportar açúcar, porque toda a exportação era estatal. Depois de mudar isso, tivemos outras alterações, como as tributárias e os avanços na pesquisa. Em dez anos, quase dobramos a produção na mesma área plantada.

69. O PROTECIONISMO DOS PAÍSES RICOS VAI SE APROFUNDAR OU ABRANDAR?

A tendência é que diminua um pouco. Apesar de toda a retórica sobre esse assunto, não é realista pensar no fim do protecionismo.

70. OS TRANSGÊNICOS VÃO ACABAR COM A FOME NO PLANETA?

As potencialidades dos transgênicos são muitas, mas, para que eles venham a ser utilizados em larga escala, muito trabalho será necessário. Falamos bastante da redução dos custos de produção decorrentes de seu cultivo, mas isso não sensibiliza o consumidor. Ao contrário, parece que o transgênico é apenas uma maneira de enriquecer fazendeiros. Quando os consumidores tiverem benefícios reais com a queda dos preços e seu nível de informação aumentar, talvez esse quadro mude.

71. AS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS DE COMÉRCIO DEVEM SE FORTALECER OU ENTRARÃO EM CRISE, COMO SUAS SIMILARES NO CAMPO POLÍTICO?

Todas as instituições internacionais enfrentam o mesmo dilema. Faltam-lhes resultados concretos para alardear, e a ameaça do unilateralismo por parte dos mais poderosos sempre está à espreita.

72. VENCER OS PODEROSOS NA OMC PROVOCA A IRA DELES?

O Brasil obteve uma vitória histórica na OMC contra os subsídios ao algodão dados pelos EUA. O país foi condenado a retirar esse dinheiro ilegal. Então, o ministro de Comércio Exterior dos EUA, Robert Zoellick, disse que o Brasil poderia até ter ganho, mas não era certo que iria levar. Isso é puro unilateralismo. Seria bom se um dia a OMC tivesse poder para impedir que um país derrotado em juízo dissesse coisas assim.

O modelo brasileiro - Albert Fishlow - O economista americano, especializado na América Latina, diz que o Brasil é um exemplo a ser seguido pelos países da região

73. O SENTIMENTO CADA VEZ MAIS FORTE NA AMÉRICA LATINA DE QUE A GLOBALIZAÇÃO NÃO VALEU A PENA TEM RAZÃO DE SER?

Em meio a um crescimento econômico que, a despeito de muito sacrifício, foi vagaroso nas últimas duas décadas, surgiu agora na América Latina um conjunto de questões fundamentais: deve-se buscar uma alternativa mais populista para o tão detratado Consenso de Washington? Seria o problema uma globalização assimétrica, que priva os pobres para favorecer os ricos? Politicamente, com as sérias emendas feitas à prática da democracia no Peru, Bolívia, Equador e Argentina, o tema se torna mais profundo: devem-se alterar regras eleitorais constitucionais em resposta a uma profunda frustração do público?

74. O BRASIL GANHOU COM A DECISÃO DE LULA DE NÃO ROMPER COM A RIGIDEZ NO CONTROLE DAS CONTAS PÚBLICAS?

Sim. A coragem de Lula em sustentar uma ortodoxia macroeconômica é notável. Isso não era o que se esperava no cenário internacional – foi por isso que as taxas de juro e

câmbio subiram aos céus no fim de 2002. Mas o programa de Lula está começando a produzir resultados.

75. O SENHOR SUGERE QUE OS BRASILEIROS DEVEM TER MAIS PACIÊNCIA COM O GOVERNO, POIS RESULTADOS VIRÃO?

A inflação foi controlada, depois de uma aceleração perigosa. As taxas de juro baixaram em termos reais. As exportações cresceram nos últimos dois anos. Mais importante, o crescimento real retornou gradualmente. Com isso, os níveis de investimento começarão a subir. O que resta averiguar é se existirá vontade para reter grandes superávits estatais como meio de assegurar poupança interna para financiar o crescimento futuro.

76. O DESENVOLVIMENTO SOCIAL VIRÁ EM CONSEQÜÊNCIA DA AUSTERIDADE OU APESAR DELA?

Mais reformas são necessárias, para assegurar reduções nos gastos agregados do governo e para assegurar a eficiência no nível microeconômico. Mas o governo Lula pode, sobretudo, combinar sua rigorosa economia com uma política social que seja caridosa a curto prazo e altamente produtiva a longo prazo.

77. SE POLÍTICAS SOCIAIS E AUSTERIDADE NÃO SÃO OBJETIVOS EXCLUDENTES, COMO CONCILIÁ-LOS?

Isso significa, por exemplo, esforços continuados para tornar o programa Bolsa Família mais eficiente, concentrando os benefícios em prol de uma futura geração de trabalhadores mais bem treinados. No limite, a imensa desigualdade da distribuição de renda no Brasil será um desafio para mais de uma geração. Mas, em um prazo mais curto, pode-se e deve-se atacar a pobreza de uma forma que seja compatível com a transformação futura.

78. O BRASIL PODE SER CONSIDERADO UM EXEMPLO PARA A AMÉRICA LATINA?

Sim. Sua combinação de neoconservadorismo e neopopulismo oferece grande esperança para o futuro. Ela estabelece um novo modelo para o resto do continente. Garante a base para mais reformas políticas no futuro e maior participação no comércio internacional.

O enigma chinês - Merle Goldman - A historiadora americana, especializada na China contemporânea, afirma que uma recessão está no horizonte, mas não deterá o gigante asiático

79. A CHINA É A NOVA BOLHA DA ECONOMIA MUNDIAL?

A China vem crescendo a taxas elevadíssimas, de até 10%, nos últimos 25 anos. No ano passado, a taxa de investimento na China foi da ordem de 47% do PIB. É uma proporção extremamente alta, algo que nunca se viu. Para muitos economistas, ela é indício de que dinheiro está sendo desperdiçado e de que logo o mercado tentará fazer ajustes.

80. A CHINA ESTÁ PREPARADA PARA ENFRENTAR UMA RECESSÃO ECONÔMICA?

Recessões são sempre dolorosas, mas não creio que a recessão que se avizinha liquidará o dinamismo chinês.

81. DE ONDE, PRINCIPALMENTE, BROTA ESSE VIGOR?

Sobretudo do inesgotável contingente de trabalhadores do país. Não há outro país no mundo capaz de competir com a China nesse quesito. Isso significa uma enorme vantagem competitiva no cenário internacional.

82. ATÉ QUANDO A CHINA PODERÁ CONTAR COM UM EXÉRCITO DE MÃO-DE-OBRA TÃO FARTO E BARATO?

Essa incrível oferta vai continuar por décadas. A China ainda

tem 750 milhões de pessoas no campo, e 60% delas terão de migrar para as cidades.

83. NENHUMA EMPRESA OCIDENTAL PODE DIZER QUE JÁ GANHA DINHEIRO NA CHINA. QUANDO ISSO ACONTECERÁ?

Quando a China se tornar um Estado onde as leis comerciais imperem de fato e onde a idéia de segurança das relações jurídicas seja mais importante que a dos "bons relacionamentos". Não é à toa que os maiores investidores na China ainda são pessoas de origem chinesa que vivem nos Estados Unidos ou na Europa.

84. PEQUENOS INVESTIDORES PODEM OBTER ALGUMA VANTAGEM NA CHINA?

Não. Para esses, esperar lucro na China é loucura.

85. A CHINA NÃO PODERÁ SER UM REGIME DE CAPITALISMO DE ESTADO PARA SEMPRE. QUANDO O REGIME POLÍTICO SE ABRIRÁ COMO A ECONOMIA?

A imobilidade do sistema político é uma das fraquezas cruciais da China. Já há mudanças observáveis – no fluxo de informações internas, por exemplo –, mas elas precisam se acelerar mais.

86. É VERDADEIRA A NOÇÃO DE QUE SE A CHINA PARAR DE CRESCER ELA SERÁ DESTRUÍDA PELA CRISE SOCIAL?

Centenas de milhões de chineses estão migrando do campo para as cidades. Essas pessoas têm grandes expectativas. Se as esperanças forem abortadas, podem se transformar, sim, em tensão social incontrolável.

A África tem jeito - Jeffrey Sachs - As condições para o desenvolvimento do continente mais pobre, segundo o economista americano e consultor da ONU

87. A ÁFRICA SERÁ SEMPRE O "CONTINENTE NEGRO", SEM ESPERANÇAS DE PROGRESSO?

Países muito pobres como Gana e Etiópia apresentaram planos de desenvolvimento e redução da pobreza muito consistentes. Se o mundo conseguisse deixar de lado por um breve momento suas preocupações com o Oriente Médio, muito poderia ser feito pela África.

88. A MAIORIA DOS PAÍSES QUE DERAM CERTO NO MUNDO ERGUEU-SE POR SEUS PROPRIOS MÉRITOS. AS NAÇÕES RICAS DEVEM AJUDAR A ÁFRICA?

Podem e devem. A ajuda financeira internacional, particularmente dos Estados Unidos, ainda é ridiculamente pequena. No total, reunindo todos os fundos para alimentação, programas de tratamento da aids, auxílio militar e outras formas de auxílio, os recursos americanos empregados no desenvolvimento de países africanos chega a apenas 1 bilhão de dólares em 2004, para atender uma população de 700 milhões de habitantes. Enquanto isso, no Iraque estão sendo injetados 20 bilhões.

89. OS PAÍSES AFRICANOS JÁ ESTÃO EQUIPADOS PARA FAZER USO PRODUTIVO DA AJUDA INTERNACIONAL?

Felizmente, hoje, há vários países democráticos responsáveis na África. São governos que se empenham em melhorar a situação calamitosa em que vivem suas populações, mas que não serão capazes de romper a barreira da miséria se não contarem com ajuda internacional.

90. QUAL O MONTANTE NECESSÁRIO PARA CONDUZIR A ÁFRICA AO CAMINHO DO DESENVOLVIMENTO?

Num levantamento preliminar, chegamos à conclusão de que, para garantir a infra-estrutura básica de desenvolvimento em um período de dez anos, teríamos de gastar em média 100

dólares por pessoa por ano. Com algum esforço, os governos locais poderiam entrar com 40 dólares por pessoa, mas o resto precisaria ser coberto pela ajuda internacional.

91. QUAIS SERIAM AS NAÇÕES AFRICANAS MAIS MERECEDORAS DE AJUDA?

Há seis países com governos respeitáveis: Etiópia, Gana, Quênia, Senegal, Tanzânia e Uganda. Para ajudá-los, mantendo-se o cálculo de 100 dólares per capita, num prazo de uma década, teríamos um total de apenas 9 bilhões de dólares por ano em adição ao que já é gasto hoje. Não é muito para ajudar uma população somada de 180 milhões de pessoas.

92. OS PROBLEMAS AFRICANOS SÃO IMPORTANTES PARA A SEGURANÇA DO OCIDENTE?

Muito. A África tem servido como terreno preparatório para ataques terroristas no próprio continente e no Oriente Médio. A Al Qaeda está arrecadando recursos financeiros do contrabando de diamantes na África ocidental e já promoveu insurreições no Sahel (a região fronteira entre o deserto e a savana). Governos de países como Etiópia e Quênia estão colaborando para combater essas ameaças, mas a região é vulnerável a elas.

PLANETA EM CRISE - James Gustave Speth - A negligência com o meio ambiente atingiu um ponto crítico, alerta o cientista americano da Universidade Yale

93. PROVOCAR MEDO NAS PESSOAS E NÃO TRAZER FATOS OU PESQUISAS NOVOS TEM SIDO A ESTRATÉGIA DOS AMBIENTALISTAS. ELA ESTÁ FUNCIONANDO?

Está. Na verdade não precisamos de fatos novos. Danos irreversíveis já foram feitos ao planeta, eles são conhecidos. A hora, agora, é de ação.

94. O QUE PODE SER MUDADO IMEDIATAMENTE PARA MELHORAR NOSSAS CHANCES DE TER UM FUTURO AMBIENTAL MELHOR?

O tópico número 1 de minha lista é adotar amplamente

sistemas de transporte eficientes. O segundo é investir pesadamente em energia renovável.

95. OS ESTADOS UNIDOS NÃO ASSINARAM O PROTOCOLO DE KIOTO, O PRINCIPAL TRATADO INTERNACIONAL SOBRE PROTEÇÃO AMBIENTAL. QUAIS AS CONSEQÜÊNCIAS DISSO?

Essa atitude será vista como um dos piores erros de política pública de nossa era. Ao abandonarem o acordo de Kioto, os Estados Unidos abandonaram o mundo.

96. ONDE A CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA ESTÁ MAIS DESENVOLVIDA?

Os europeus estão à frente nas áreas de clima, por obedecer ao Protocolo de Kioto. Eles estão à frente nas áreas de reciclagem, de impostos relacionados ao meio ambiente, de testes de produtos químicos tóxicos e de energia renovável.

97. O CRESCIMENTO POPULACIONAL É UMA AMEAÇA AO MEIO AMBIENTE?

Sim, pois pressiona pela ampliação das áreas dedicadas à agricultura e à pecuária num mundo onde já vemos o plantio abocanhar boa parte das florestas que ainda restam.

98. AS POLÍTICAS DE CONTENÇÃO DO CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO FUNCIONAM?

Sim. As mulheres têm mais controle sobre seu corpo e os governos estão ajudando com programas de educação e serviços de planejamento familiar.

99. O QUE O CIDADÃO COMUM PODE FAZER NO DIA-A-DIA PARA MELHORAR O MEIO AMBIENTE?

Muita coisa. A internet nos permite achar em segundos qual o computador ou a geladeira que consome menos energia e o carro que gasta menos combustível. Já é alguma coisa.

100. O QUE O FUTURO RESERVA PARA A FLORESTA AMAZÔNICA?

Incertezas. Os índices de desflorestamento nunca foram tão altos. Há algumas boas iniciativas no sentido de criar áreas de preservação na Amazônia, mas é preciso ir além.

Fonte: (veja Edição 1859)

EDUCAÇÃO

A EDUCAÇÃO NO BRASIL

No Brasil colonial as principais escolas foram jesuítas. Entre 1554 e 1570 foram fundadas cinco escolas de instrução elementar (Porto Seguro, Ilhéus, Espírito Santo, São Vicente, São Paulo) e três colégios (Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia).

O ensino elementar que tinha a duração de seis anos ensinava Retórica, Humanidades, Gramática Portuguesa, Latim e Grego. Nas classes posteriores, a duração era de três anos e as disciplinas ministradas eram a Matemática, Física, Filosofia (lógica, moral, metafísica), Gramática, Latim e Grego.

Depois de 1759, com a expulsão dos jesuítas, outras ordens religiosas dedicaram-se à instrução, como a dos carmelitas, beneditinos e franciscanos.

Em 1792 o marquês de Pombal implantou o ensino público oficial através das aulas-régias de disciplinas isoladas.

No início do século XIX, com a presença da corte no Brasil, foram criados cursos de nível superior: a Academia Real da Marinha (1808), Academia Real Militar (1810), Academia Médico-cirúrgica da Bahia (1808) e Academia Médico-cirúrgica do Rio de Janeiro (1809). Em seguida surgiram cursos de nível técnico em Economia, Botânica, Geologia e Mineralogia e, em 1834, o Ato Adicional atribuiu às províncias a criação e manutenção do ensino primário. Na segunda metade do século apareceram colégios particulares,

na maioria católicos.

Obedecendo a ordem cronológica de introduções de novos cursos e ou estabelecimentos de ensino e de reformas educacionais ou curriculares, pode-se apresentar o seguinte quadro da educação no Brasil:

Em 1879, a reforma de Leôncio de Carvalho instituiu a liberdade de ensino, possibilitando o surgimento de colégios protestantes e positivistas.

Em 1891, Benjamim Constant, baseado nos ensinamentos de Augusto Comte, elaborou uma reforma de ensino de nítida orientação positivista, defensora de uma ditadura republicana dos cientistas e de uma educação como prática anuladora das tensões sociais.

Entre 1920 e 1930 ocorreram várias reformas estaduais com novas propostas pedagógicas (Fernando de Azevedo no Rio de Janeiro, Anísio Teixeira na Bahia e Francisco Campos em Minas Gerais).

Em 1922, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de Fernando de Azevedo e outros 26 educadores, condenaram o elitismo na educação brasileira, preconizando uma escola pública gratuita, leiga e obrigatória.

Em 1930, Francisco de Campos criou o estatuto das Universidades e organizou o ensino secundário. Foi então fundada, em 1934, a Universidade de São Paulo e, em 1937, a então Universidade Nacional do Rio de Janeiro, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Durante o Estado Novo foram promulgadas as leis orgânicas do ensino, dividindo o curso secundário em ginasial

e colegial (clássico ou científico), criando o ensino profissional ministrado através das empresas e indústrias tais como o Serviço Nacional da Indústria (Senai) e o Serviço Nacional do Comércio (Senac).

No ano de 1959, defensores da escola pública lançaram o Manifesto dos Educadores, assinado por 185 educadores e intelectuais, entre eles, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso.

Em 1960 surgiram as primeiras iniciativas de educação popular, voltada, também, para o atendimento à população adulta como o Movimento de Educação Popular liderado por Paulo Freire, cuja proposta foi adotada por inúmeros países da América Latina e da África e, o Movimento de Educação de Base, iniciativa da Conferência dos Bispos do Brasil (CNBB).

No período entre 1970 e 1985, durante os governos militares, foi desenvolvido o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), cuja proposta era o atendimento em âmbito nacional da população analfabeta, através de programas de alfabetização e de educação continuada de adultos e adolescentes.

A aprovação da primeira lei de Diretrizes e Bases, em 1961, garantiu o direito à educação em todos os níveis, criou o Conselho Federal de Educação (1962), fixou os currículos mínimos e garantiu a autonomia às universidades.

Hoje a educação sistemática do Brasil está dividida em vários níveis: Inicialmente o ensino pré-escolar que atende a criança até a idade de 6 anos e, está subdividido em cursos maternos, de jardim da infância e a pré-escola, quando começa a alfabetização.

Posteriormente, a criança ingressa no ensino primário ou de primeiro grau que é seguido sucessivamente pelo ensino secundário ou de segundo grau, pelo ensino superior ou de terceiro grau) e, finalmente, poderá ter acesso a um quarto nível de ensino que diz respeito à pós-graduação.

Para melhor atendimento à população estudantil mais carente o Ministério da Educação e Cultura (MEC) desenvolve a partir de 1995 programas voltados especificamente para essa área, onde são observados maiores índices de repetência.

Em alguns estados há projetos educacionais envolvendo os pais, através do programa bolsas-escola, voltado para as famílias com renda per capita inferior a

R\$50,00).

Outras iniciativas encontram-se em desenvolvimento como o Projeto TV-escola que adota avanços tecnológicos como mais um recurso didático ou sejam a adoção da televisão, vídeo, fitas e a introdução da informática.

O acompanhamento dos cursos é efetuado pelo Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Básico para verificar o aproveitamento dos alunos dos primeiro e segundo graus e pelo Sistema Nacional de Avaliação de Cursos, para os do terceiro grau.

Uma segunda lei de Diretrizes e Bases foi projetada, em 1988, e aprovada em 1997.

O analfabetismo, centro de preocupações constantes, vem apresentando quedas constantes: 20,1% em 1991 para 14,5%, entre a população com 15 anos ou mais. No entanto entre a população rural esse índice continua alto: 31,2%.

Mais sobre o Ato Adicional de 1834, lei promulgada em 6 de agosto de 1834 que reformou a Constituição do império, descentralizando o poder e garantindo uma relativa autonomia às províncias. Com o Ato, passaram a ter seu próprio legislativo, mantendo-se, contudo, submetidas à Carta Constitucional de 1824. O Ato também extinguiu o Conselho de Estado, criou o Município Neutro, onde estava instalado o governo central, e instituiu a Regência Una. Além disso, introduziu a divisão dos poderes tributários, que permitiu às províncias arrecadarem os seus próprios recursos.

Foi uma época de instabilidade política, com diversas revoluções provinciais, como a Farroupilha (Rio Grande do Sul), a Balaiada (Maranhão), a Cabanagem (Pará) e a Sabinada (Bahia), nas quais um dos motivos preponderantes era o desejo de maior autonomia provincial que, foi concedida pelo Ato Adicional (1834), que criou os legislativos provinciais, fazendo outras concessões federalistas.

As agitações políticas das regências ameaçaram seriamente a integridade do país e levaram a uma reação conservadora no final da década de 1830. Em 1840 foi antecipada a maioria do imperador, no chamado "Golpe da Maioridade", numa tentativa de pacificar o país. Muito eficaz para controlar a situação política foi a lei de Interpretação (1840) do Ato Adicional, que novamente reforçou a centralização, eliminando algumas concessões federalistas.

MEIO AMBIENTE

A QUESTÃO AMBIENTAL NO BRASIL

A química tem alcançado um grande desenvolvimento nos dias atuais. A indústria de combustíveis, plásticos, tintas, remédios etc. são alguns dos setores da vida moderna onde a Química está presente. Mas, da maneira como vem sendo utilizada pelo homem, a Química também é responsável pela poluição ambiental através de indústrias, navios petroleiros, veículos automotores, agrotóxicos etc.

A QUÍMICA E A POLUIÇÃO DO AR

Os diversos gases tóxicos eliminados por indústrias e veículos constituem os principais poluentes do ar. Entre outros, destacam-se o monóxido e o dióxido de carbono, o dióxido sulfuroso e os óxidos de nitrogênio.

O *monóxido de carbono* (CO) é incolor e inodoro e resulta da queima de um combustível à base de carbono. Depois de inspirado, o CO passa do pulmão para o sangue; liga-se então para o glóbulos vermelhos, formando um composto estável com a hemoglobina, que fica inutilizada para transportar oxigênio às células do corpo. Uma exposição prolongada ao CO pode ainda provocar outros males, como debilidade geral de vasos sanguíneos (o que acarreta hemorragias generalizadas), náuseas e perda de memória.

O *dióxido de carbono* ou *gás carbônico* (CO₂) vem aumentando de quantidade da atmosfera devido à queima de petróleo e carvão. A consequência desse aumento é o *efeito estufa*: a alta concentração de dióxido de carbono no ar impede que o calor do Sol que aquece nosso planeta se disperse pelo espaço, acarretando assim o aumento da temperatura do ar próximo da superfície da Terra.

Um dos problemas mais comuns na atmosfera é o *dióxido sulfuroso* ou *dióxido de enxofre* (SO₂), que resulta da queima de petróleo e carvão, das atividades vulcânicas e também da decomposição natural de matéria orgânica, acarretando a destruição de vegetais. No ser humano esse gás causa irritação na pele, no nariz, na garganta e nos olhos, além de afecções cardíacas e pulmonares que podem levar o indivíduo à morte. Misturando com o ar úmido, causa a chamada *chuva ácida*, que provoca corrosão em metais e mármore (destruindo assim muitos monumentos), envenenando também a água dos rios, causando danos às folhas das plantas e muitos outros prejuízos.

Resultado da queima de combustíveis dos automóveis e aviões e da incineração de lixo e de adubos nitrogenados, os *óxidos de nitrogênio* destroem a camada de ozônio da atmosfera, que protege a Terra dos raios solares ultravioleta. Outro gás que tem a capacidade de destruir a

camada de ozônio é o gás freon, usado na indústria de refrigeração e como propelente de aerossóis.

Nas grandes cidades industriais, o ar altamente poluído pode dar origem ao fenômeno da *inversão térmica*. No verão, o ar da superfície terrestre fica mais quente e por isso mais leve que o ar frio das camadas superiores, tendendo então a subir, carregando os elementos poluidores. Isso promove uma espécie de purificação natural do ar. No inverno, ao contrário, o ar frio da superfície terrestre fica mais pesado que o ar aquecido das camadas da atmosfera, fenômeno que é a própria inversão térmica. Os poluentes assim não se dispersam, ficando retidos no ar inferior, o que pode ocasionar numerosas mortes, geralmente de pessoas idosas.

Outro grande problema é a *radioatividade* liberada pelas usinas nucleares. A radioatividade é responsável por uma das mais perigosas formas de poluição do ar, pois causa sérios danos às espécies vegetais e animais, incluindo o homem. Quando expostas à radiação, muitas células morrem, outras ficam com a capacidade proliferativa comprometida, o que acarreta a insuficiência no funcionamento de vários órgãos, levando à morte do indivíduo.

A QUÍMICA E A POLUIÇÃO DA ÁGUA

Os resíduos sólidos e líquidos que resultam da atividade industrial costumam ser despejados nos rios e lagos, poluindo suas águas. Entre os poluentes mais perigosos estão os compostos de mercúrio chumbo. Os *compostos de mercúrio* provocam alterações no sistema nervoso, lesões cerebrais, paralisias, cegueira, tremores e até mesmo a morte. Já os *compostos de chumbo* causam paralisia cerebral, distúrbios nervosos, anemia, vômitos e outros males.

Os *detergentes* podem formar uma espuma branca na superfície dos rios, diminuindo a oxigenação da água, o que afeta a vida aquática. Podem também dissolver a camada de gordura que impermeabiliza as penas das aves aquáticas, dificultando sua flutuação e provocando a morte por afogamento.

O óleo que vaza de petroleiros acidentados impede a adequada oxigenação da água do mar, o que provoca a morte de animais marinhos.

DIMINUIÇÃO DA POLUIÇÃO QUÍMICA

Embora na prática a poluição provocada pela Química não possa ser totalmente eliminada, ela pode ser, em parte, bastante diminuída através de providências como as relacionadas.

instalação de filtros nas chaminés das fábricas; esses filtros retêm muitas impurezas eliminadas pelas chaminés; regulagem de motores que funcionam por combustível; quando bem regulados, esses motores eliminam uma menor quantidade de poluentes; substituição de combustíveis muito poluentes por outros menos poluentes; no Brasil, por exemplo, o álcool obtido da cana-de-açúcar tem sido usado em certa quantidade como substituto da gasolina; e o álcool é menos poluente que a gasolina, além de ser um produto renovável; substituição de veículos movidos a combustível por veículos elétricos; nas cidades, por exemplo, os trens e ônibus movidos a óleo diesel podem ser substituídos por trens e ônibus movidos por eletricidade; uso de detergentes biodegradáveis (que se decompõem) no lugar de detergentes não biodegradáveis, estes responsáveis por grande parte da poluição dos rios.

LEGISLAÇÃO AMBIENTAL BRASILEIRA

É o conjunto de normas jurídicas que se destinam a disciplinar a atividade humana, para torná-la compatível com a proteção do meio ambiente. No Brasil, as leis voltadas para a conservação ambiental começaram a ser votadas a partir

de 1981, com a lei que criou a Política Nacional do Meio Ambiente. Posteriormente, novas leis foram promulgadas, vindo a formar um sistema bastante completo de proteção ambiental. A legislação ambiental brasileira, para atingir seus objetivos de preservação, criou direitos e deveres para o cidadão, instrumentos de conservação do meio ambiente, normas de uso dos diversos ecossistemas, normas para disciplinar atividades relacionadas à ecologia e ainda diversos tipos de unidades de conservação. As leis proibem a caça de animais silvestres, com algumas exceções, a pesca fora de temporada, a comercialização de animais silvestres, a manutenção em cativeiro desses animais por particulares (com algumas exceções), regulam a extração de madeiras nobres, o corte de árvores nativas, a exploração de minas que possam afetar o meio, a conservação de uma parte da vegetação nativa nas propriedades particulares e a criação de animais em cativeiro.

Conservação, uso sustentável dos recursos naturais como o solo, a água, as plantas, os animais e os minerais. Os recursos naturais de uma determinada área são seu capital básico e o mal uso dos mesmos constitui uma perda econômica.

Do ponto de vista ecológico, a conservação inclui também a manutenção das reservas naturais e da fauna autóctona, enquanto do ponto de vista cultural inclui a preservação dos lugares históricos.

A POPULAÇÃO E O ESPAÇO URBANO

Na zona rural a paisagem é mais ou menos marcada pelos elementos do meio natural: a influência do solo, do clima, da declividade do relevo, a presença de água e vegetação. A população vive dispersa em pequenos sítios. No meio urbano a população se concentra num espaço totalmente humanizado e dedica-se às atividades industriais, comerciais e de prestação de serviços.

As cidades industriais do século XIX

A Revolução Industrial, iniciada no século XVIII, originou profundas alterações na forma e na função da cidade. A indústria se multiplicava nos países europeus e nos Estados Unidos, onde vivia grande parte dos trabalhadores urbanos. As lojas se instalavam nas ruas mais movimentadas, a fim de atrair um número cada vez maior de consumidores. As residências passaram a ser construídas de modo caótico, nos poucos espaços que sobravam entre as fábricas e rodovias, não haviam espaços para o lazer e o ar era muito poluído devido ao carvão utilizado nas indústrias. O nascimento da indústria originou cidades insalubres, isto é, pouco saudáveis, marcadas pela aglomeração dos pobres em pequenos quartos de cortiços, a população não tinha acesso à água tratada e nem rede de esgotos.

A cidade no século XX e o planejamento urbano
As pesquisas e projetos nessa área se avolumaram e constituíram uma área de estudo, o urbanismo. As primeiras iniciativas resultaram em bairros residenciais dotados de excelente infra-estrutura arborizados e ajardinados. As cidades planejadas deveriam ter largas avenidas e um sistema viário eficiente, permitindo o trânsito rápido. A cidade de Brasília é o exemplo mais completo e bem acabado desse tipo de planejamento, que também foi adotado na implantação de cidades dos Estados Unidos. França, Inglaterra, Israel e Japão.

Os principais problemas urbanos atuais

Um dos mais graves problemas é a habitação. Como os imóveis mais baratos em geral são os mais distantes do centro da cidade, a população passa a morar cada vez mais longe do local de trabalho. Em consequência disso a população por não ter um transporte coletivo digno vai trabalhar com seus próprios automóveis causando muito trânsito, poluição do ar, poluição sonora e até mesmo dos

rios.

A globalização da cidade

Com a globalização, surgem as metrópoles mundiais e tecnopolos. É nessas metrópoles que se concentram grandes capitais, profissionais qualificados e tecnologia. O papel de metrópole mundial adquiriu tamanha importância na atualidade que passou a ser a meta perseguida por muitas cidades desenvolvidas. Os tecnopolos, por sua vez correspondem a centros urbanos que abrigam importantes universidades, instituições de pesquisa e os principais complexos industriais, onde se desenvolvem tecnologias avançadas e pesquisas científicas.

O PROTOCOLO DE KYOTO

A Rússia se recusou a assinar o Protocolo de Kyoto em 2.12.2003, alegando que o formato atual do documento impõe restrições ao crescimento econômico do país. Como os Estados Unidos já o haviam rejeitado, o acordo corre risco de não ser implementado. Mas, afinal, o que é o protocolo de Kyoto?

O documento propõe um acordo ambiental que envolve medidas de controle ao aquecimento do globo terrestre. Com o recuo da Rússia, terá de ser renegociado ou os países que o assinaram terão que adotar suas disposições sozinhos.

O protocolo exige que os países industrializados reduzam em 5,2% -em relação ao níveis de 1990-suas

emissões de gases de carbono. Segundo cientistas, esses gases estariam provocando o efeito estufa (aquecimento global) e outras alterações no clima do planeta. A redução dos gases deveria ser cumprida até 2012.

O documento foi apresentado pela primeira vez para a assinatura dos países no dia 16 de março de 1998. Ele só entra em vigor depois que pelo menos 55 países o tiverem ratificado, incluindo as nações desenvolvidas e industrializadas, que são responsáveis por 55% das emissões totais de dióxido de carbono do mundo, segundo dados de 1990.

Em 2001, o presidente George W. Bush declarou que os EUA, responsáveis em 1990 por 36,1% das emissões dos países industrializados, abandonariam o protocolo, por ser danoso à sua economia. Com isso, a adesão da Rússia, que em 1990 era responsável por cerca de 17,4% das emissões, passou a ser fundamental.

Embora o tratado não exija compromissos de redução de emissões de gases de países em desenvolvimento, o Brasil assinou a carta de ratificação do acordo em 23 de julho de 2002. O país é responsável pela produção anual de 250 milhões de toneladas de carbono (10 vezes menos que os EUA). Entre os programas promovidos pelo governo brasileiro para a implementação da convenção do clima, destacam-se o Programa Nacional da Racionalização do Uso dos Derivados do Petróleo e do Gás Natural, o Programa Nacional do Alcool (Proálcool) e o Programa de Redução de Emissões Veiculares.

MEDICINA

AIDS

AIDS é uma sigla em inglês que significa "Síndrome da Imunodeficiência adquirida". A Aids caracteriza uma doença que danifica o sistema imunológico do indivíduo (conjunto de órgãos e células especializadas responsáveis pela defesa do nosso organismo contra agentes agressores, como bactérias, fungos, vírus, etc.). Quando um indivíduo tem AIDS ele está sujeito a adquirir doenças causadas por um ou mais desses agressores.

O vírus causador da AIDS é o HIV. Após a penetração no organismo de um indivíduo, o vírus inicia o processo de destruição de um tipo de célula de defesa imunológico chamada linfócito T. Essa célula funciona como um maestro, ou seja, é responsável por toda a coordenação da defesa imunológica. O HIV destrói a principal célula de defesa imunológica no combate a doenças infecciosas, inclusive o próprio HIV.

1) Transmissão

- O vírus é transmitido através de relações sexuais (anal, vaginal ou oral) sem o uso da camisinha.
- Na transfusão, recebe sangue contaminado.
- Usando a mesma agulha ou seringa de alguém infectado.
- Em transplante de órgãos, inseminação artificial e bancos de leite materno sem controle de qualidade.
- Em transplante de órgãos, inseminação artificial e bancos de leite materno sem controle de qualidade.
- De mãe infectada para filho durante a gravidez, parto e amamentação.

2) Não acontece a transmissão

- Bebendo no mesmo copo.
- Dormindo na mesma cama.
- Usando os mesmos talheres.
- Picada de inseto.
- Abraçando.
- Beijando.
- Doando sangue.

A AIDS, ou "Síndrome da imunodeficiência adquirida" não é uma doença com seus sintomas característicos, mas sim um conjunto de doenças variadas podendo se manifestar de maneiras bem diferentes de indivíduo para indivíduo. É causada pelo vírus HIV (Human immunodeficiency virus), cuja ação principal é destruir as nossas defesas pessoais contra agentes estranhos ao nosso organismo. Nós possuímos em nosso sangue um batalhão de células brancas que ajudam a combater qualquer agente intruso em contato com o corpo. Essas células são chamadas linfócitos. Existem três tipos de linfócitos, sendo que o vírus HIV tem predileção pelo "linfócito auxiliador", que é justamente aquele que ajuda a produzir mais células para combater o agente inimigo. Com isso, quando uma pessoa adquire AIDS, seu organismo se torna totalmente sensível a qualquer doença, não tendo força necessária para eliminá-la. Existem dois tipos de vírus da AIDS: o HIV-1, que é o mais difundido pelo mundo, e o tipo HIV-2, encontrado principalmente no oeste da África.

Tratamento

Não existe nenhum tratamento específico para a AIDS. O que se tem atualmente são medicamentos que impedem do vírus se replicar, como o AZT e poderosos coquetéis, que junto com uma série de medidas adotadas como uma boa dieta, exercícios regulares, manter hábitos regulares de descanso, ajudam a pessoa a ter uma melhor chance de sobrevivência. Segundo as pesquisas, quando uma pessoa adquire o vírus da AIDS, pode levar até 5 anos para começar a ter os primeiros sintomas. Depois de ter sido feito o diagnóstico de AIDS propriamente dita, ou seja, já na fase avançada da síndrome, a pessoa pode viver por volta de 4 anos ou menos, sendo que a média de duração de vida depois de ter adquirido o vírus é de 10 a 15 anos. Por muito tempo vem se divulgando as formas de se prevenir contra a AIDS. E a prevenção ainda é a melhor forma de combatê-la. Como se sabe, o vírus da AIDS pode ser transmitido pelo sangue, pelo contato sexual e da mãe para o feto, através da placenta. Com isso, a medida mais importante é o uso de preservativos durante a relação sexual, o uso de seringas descartáveis, evitar o uso de drogas injetáveis, principalmente utilizando-se a mesma agulha em outros

indivíduos. No caso da mãe que possui o vírus da AIDS, existe uma chance de 30% dela passar o vírus para o feto através da placenta, então deve-se fazer um esforço para evitar que as mulheres infectadas fiquem grávidas.

DENGUE NO BRASIL

Dengue, doença infecciosa tropical e subtropical, caracterizada por febre e dor intensa nas articulações e músculos, inflamação dos gânglios linfáticos e erupção da pele. O agente causador é um vírus transmitido de pessoa a pessoa pelos mosquitos do gênero *Aedes*, principalmente o *Aedes aegypti*. Há quatro tipos de vírus causadores da dengue. O nome da doença se deve ao fato de que, ao atacar as articulações, faz o paciente mover-se com um andar requebrado ("dengoso" ou "cheio de dengues").

O mosquito se infecta ao picar uma pessoa contaminada e, após oito a 11 dias incubando o vírus, pode transmiti-lo a outra pessoa. A forma mais grave da doença é a dengue hemorrágica, que causa hemorragia gastrointestinal e das mucosas e pode provocar choque e até a morte. O vírus responsável pela forma hemorrágica chegou ao Brasil em meados da década de 1980, depois de ter provocado uma epidemia em Cuba.

A guerra e as migrações provocaram um aumento dos casos de leishmaniose visceral. O comportamento humano está associado à explosão das doenças sexualmente transmissíveis. O grande avanço nos transportes possibilita também maior intercâmbio de microorganismos e de seus transmissores, como os insetos que transmitem dengue e malária. A construção de represas vem sendo associada ao aumento de casos de

esquistossomose e a surtos de febre do vale do Rift. O crescimento populacional, associado a um processo de urbanização descontrolada, contribuiu para a disseminação da dengue e da cólera. Alterações no clima parecem ter sido responsáveis por surtos de síndrome pulmonar por hantavírus.

Aedes aegypti, principal transmissor da dengue e da febre amarela urbana. Oriundo do Velho Mundo, esse mosquito acompanhou o homem em sua migração pelos continentes. Atualmente é considerado um mosquito cosmopolita, encontrado nas regiões tropicais e subtropicais, principalmente em locais de grande concentração humana.

No Brasil, o *Aedes aegypti* foi introduzido no período colonial e causou sérias epidemias de febre amarela urbana. Em 1955, foi erradicado do país. Contudo, como outros países do continente não tiveram a mesma preocupação, o mosquito foi reintroduzido em 1967, iniciando logo depois uma alarmante propagação da dengue. Hoje, ocorre nos estados litorâneos, no Centro-Oeste, em Minas Gerais e em Tocantins.

Febres hemorrágicas, grupo de doenças agudas, de origem viral. São as mais preocupantes moléstias emergentes, por provocarem extensas epidemias e apresentarem índices altos de mortalidade. As mais conhecidas no Brasil são a febre amarela, hoje restrita à sua forma silvestre, e a síndrome hemorrágica da dengue, ou dengue hemorrágica. Outras três famílias de vírus também causam essas doenças: arnavírus, bunyavírus e filovírus. Entre os primeiros, figuram os vírus Junin, Machupo e Sabiá, responsáveis pelas febres hemorrágicas argentina, boliviana e brasileira. Entre os segundos, destacam-se os hantavírus, que causam síndrome pulmonar e febre hemorrágica com síndrome renal, ambas já registradas no país. Dos filovírus, o mais conhecido é o Ebola, que provocou surtos na África.

CIÊNCIAS

O QUE É O PROJETO DE GENOMA HUMANO?

O Projeto Genoma Humano (PGH) é um programa de pesquisa internacional projetado para:

- construir detalhadamente os mapas genético e físico do genoma humano;
- determinar a seqüência completa dos 3 bilhões de pares de nucleotídeos do DNA humano;
- localizar os cerca de 30.000 a 40.000 genes dentro do genoma humano;
- executar análises semelhantes nos genomas de diversos organismos usados em laboratórios de pesquisas, como sistemas-modelo.
- melhorar a tecnologia para pesquisa biomédica

Os produtos científicos do PGH incluirão informações detalhadas sobre a estrutura, organização e função do DNA humano, informações que constituem o conjunto básico de instruções herdadas para o desenvolvimento e funcionamento de um ser humano.

Quando o HGP começou?

O PGH foi concebido em meados da década de 1980, nos Estados Unidos, pelo Department of Energy (DOE), inicialmente, e logo depois, pelo National Institutes of Health (NIH). Por volta de 1988, as duas agências estavam trabalhando juntas. O processo de planejamento inicial culminou em 1990, com a publicação de um plano de articulação de pesquisa.

Atualmente, os trabalhos vêm sendo desenvolvidos pela empresa de biotecnologia Celera e pelo Projeto Genoma Humano (PGH), formado por 16 instituições públicas de pesquisa.

IMPACTOS DO SEQÜENCIAMENTO DO GENOMA HUMANO

BENEFÍCIOS

- Melhoria de exames laboratoriais e diagnósticos precoces de predisposição à doenças: medicina preventiva (modelada individualmente, de acordo com as suscetibilidades de cada um);
- Diagnóstico de tumores em fase inicial: aumento da probabilidade de cura;
- Criação de drogas específicas para cada tipo de doença, com redução de efeitos colaterais;
- Redução de nascimentos de crianças com genes deletérios: diagnóstico precoce de doenças crônico-degenerativas que aparecem na idade adulta (como a Coréia de Huntington): opção pela adoção ou reprodução assistida;
- Terapia Gênica
- Uso de animais transgênicos e clonagem de embriões para transplante de órgãos;
- Entendimento dos mecanismos de envelhecimento, obesidade, tendência a comportamento violento, etc;
- Interferência no desenvolvimento intelectual;
- Testes genéticos melhorados baseados em avanços tecnológicos: detecção mais precisa de assassinos e outros criminosos;
- Teste de paternidade e maternidade (já vem sendo realizado);
- Blindagem genética de trabalhadores de indústrias de risco;
- Desenvolvimento de novos medicamentos através de organismos transgênicos

POSSÍVEIS CONSEQÜÊNCIAS SOCIAIS

INVASÃO DE PRIVACIDADE:

- uso do diagnóstico por seguradoras: cobrança de agravo (taxa mais elevada) em caso de doenças pré-existentes ou propensão à determinadas doenças;
- aumento do desemprego: não contratação ou demissão de pessoas com predisposição genética a doenças crônico-

degenerativas;

OUTROS:

□ Racismo Genético □ marginalização □ holocausto (ex.: em 1939 a Alemanha instituiu o Aktion 4, um plano para matar quem tivesse uma vida que não merecia ser vivida, como crianças deficientes físicas e mentais)

- Aumento do índice de depressão e suicídios: não aceitação por parte do indivíduo, família e/ou sociedade do diagnóstico precoce de predisposição a determinadas doenças e/ou dependência química e/ou homossexualidade.

O PROCESSO DA CLONAGEM

A palavra "clone" vem do grego "klón", que significa "rebento" ou "broto". A clonagem é uma forma de reprodução assexuada, que produz um novo indivíduo usando apenas o DNA de uma pessoa.

Os cientistas removem o material genético de uma óvulo não-fertilizado e o substituem pelo DNA de uma célula do ser que se deseja clonar. Sob as condições apropriadas, o óvulo começa a se dividir e formar um embrião, que é implantado em um útero.

Para a criação da Dolly, em 1997, primeira experiência bem-sucedida de clonagem de um mamífero, foram extra(das células da mama de uma ovelha e delas retiradas seu núcleo, que contém as informações genéticas. Esses núcleos foram injetados emócitos – células que dão origem ao óvulo –, os quais tiveram sua função reprodutora reativada. Como só foi usado o DNA de uma fêmea, o resultado foi outra fêmea.

Desde então, os cientistas tem tido sucesso em clonar diversos animais. No ano passado, cientistas dos Estados Unidos clonaram embriões humanos para retirar células-tronco, sem que eles se desenvolvessem.

Muitos cientistas são contra a clonagem humana por ser muito arriscada. A própria Dolly apresentou problemas de saúde que podem estar relacionados ao processo, como envelhecimento precoce.

Nasce o primeiro clone humano, diz movimento raeliano da France Presse, em Miami (EUA) -27/1 2/2002 - 08h00

O primeiro clone humano nasceu ontem, afirmou a química francesa e integrante da seita raeliana Brigitte Boisselier.

Segundo Boisselier, 46, presidente do laboratório Clonaid, uma menina chamada Eve teria nascido de cesárea com 3,1 quilos às 14h55 (horário de Brasília) do dia 26, e suas condições são estáveis. Em novembro, ela disse que uma criança clonada nasceria nos Estados Unidos como cópia genética de sua mãe.

Os esforços dos raelianos para clonar um ser humano foram realizados em completo segredo, o que não permite confirmar a veracidade da informação divulgada por Boisselier.

Segundo a química, o jornalista Michael Guillen será encarregado de conduzir testes com amostras de tecido do bebê e da mulher clonada para confirmar o feito. Os resultados estariam disponíveis em oito ou nove dias.

Os raelianos, que garantem ter 55 mil seguidores em todo o mundo, acreditam que o homem foi introduzido na Terra por seres extraterrestres há 25 mil anos.

O movimento, criado pelo ex-jornalista francês Claude Vorilhon, autodenominado Rael, afirma que a clonagem permitirá ao ser humano obter a vida eterna.

Em novembro, o médico italiano Severino Antinori anunciou em Roma que o primeiro clone humano nasceria no início de 2003.

O anúncio da Clonaid provocou ceticismo e indignação na comunidade médica e científica.

O especialista de reprodução Jacques Montaigut, membro do Comitê Nacional Francês de Ética, mostrou-se "indignado" com esse "anúncio duvidoso" e por esta "corrida fantástica em direção à imortalidade, aos bancos de órgãos e aos negócios".

"Precisamos proibir a clonagem reprodutiva em todo o mundo. É uma questão que envolve os direitos humanos", afirmou Montaigut, citando os "riscos inadmissíveis para o bebê".

Os cientistas advertem os perigos observados na clonagem de animais: anomalias no coração, nos pulmões, no sistema imunológico e no fígado, além de obesidade, alto índice de mortalidade antes ou imediatamente depois do nascimento, câncer e envelhecimento precoce.

A clonagem humana é proibida em cerca de 30 países, mas alguns Estados admitem sua utilização para fins terapêuticos, não reprodutivos.

O PROGRAMA ESPACIAL BRASILEIRO

O programa espacial brasileiro tem tudo para ressurgir, como uma fênix, das cinzas que restaram do Veículo Lançador de Satélites (VLS-1), incendiado na base aérea de Alcântara, no Maranhão, no dia 22.08.03.

Essa foi a mensagem transmitida pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva no Centro Técnico Aeroespacial (CTA), em São José dos Campos, durante o velório coletivo de 19 das 21 últimas. Chorando, Lula se comprometeu a dar continuidade ao programa espacial, que prevê o completo domínio tecnológico da construção de satélites e de seu lançamento ao espaço. "Esta é a melhor maneira de homenagear nossos heróis e de manter viva a sua memória", assegurou o presidente.

Não basta, porém, a palavra de Lula e nem mesmo um hipotético considerável aumento no fluxo de recursos (hoje da ordem de R\$ 30 milhões por ano) para que se realize o sonho brasileiro de lançar seus próprios satélites. A tragédia de Alcântara está entre os maiores acidentes do mundo em perdas humanas, quando se compara com outros desastres ocorridos nos projetos espaciais de todo o planeta. No inferno de Alcântara, que atingiu 3 mil graus Celsius, não foram destruídos o VLS de US\$ 6,5 milhões nem só uma plataforma orçada em US\$ 10 milhões. Além da perda irreparável e da dor dos familiares, a morte de 11 engenheiros e dez técnicos custou ao Brasil um quinto da equipe responsável pelo programa espacial, que consumiu cerca de US\$ 300 milhões. "A recomposição de uma equipe como essa só se fará em três ou quatro anos", afirma o brigadeiro Tiago Ribeiro, diretor do CTA.

O Brasil ainda engatinha com seu modesto programa espacial. Mesmo assim, a possibilidade de o País conquistar a autonomia no lançamento de foguetes tem forte reflexo internacional, seja do ponto de vista econômico, seja por razões bélicas. O mercado de lançamento de satélites movimenta cerca de US\$ 10 bilhões ao ano. Só oito países reúnem condições técnicas para isso: EUA, França, China, Israel, Japão, Rússia, Índia e Ucrânia. É pouca oferta para muita demanda. A fila de espera já chega ao ano de 2009, pois muitos dos satélites hoje em órbita estão obsoletos e precisam ser substituídos.

A entrada do Brasil nesse mercado promoveria um estrago considerável. A localização da base de Alcântara, praticamente na linha do Equador, reduz em pelo menos um terço o consumo de combustível espacial.

OBS: O EXIGIDO NO CONCURSO SÃO OS FATOS DOS ÚLTIMOS 6 MESES, ACONSELHAMOS A LEITURA DAS REVISTAS: VEJA E ÉPOCA E TAMBÉM TER ATENÇÃO AOS NOTICIÁRIOS COMO: JORNAL NACIONAL, FANTÁSTICO E OUTROS. BOA PROVA!